

OS FRANCEZES

NO

RIO DE JANEIRO

ROMANCE HISTORICO

PELO

D' MOREIRA DE AZEVEDO

RIO DE JANEIRO  
B. L. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR  
69 RUA DO OUVIDOR 69

1870

## OBRAS DO MESMO AUTOR

Mosaico Brasileiro, 1 vol.....	3\$000
Lourenço de Mendonça, 1 vol.....	1\$500
Historia antiga, 1 vol.....	3\$000
Pequeno panorama do Rio de Janeiro, 5 vol.....	10\$000

## EXTRACTO

### D'ALGUMAS OBRAS QUE SE ACHAM A VENDA NA MESMA CASA

<b>Alencar</b> , (cons. <sup>o</sup> J. M.) O Guarany, romance brasileiro, 2 vols.....	6\$000
— As Minas de Prata, complemento e fim do precedente, 6 vols broch. 12\$, enc.....	16\$000
— Viuvinha e Cinco Minutos, 1 vol broch.....	2\$000
— Systema Representativo, 1 vol. broch.....	3\$000
— As azas de um Anjo, comedia, 1 vol.....	2\$000
— Verso e Reverso, comedia, 1 vol.....	1\$000
— Demonio Familiar, comedia, 1 vol.....	2\$000
— Mãe, (drama em 4 actos,) 1 vol.....	2\$000
<b>Luciola</b> perfil de mulher, 2 <sup>a</sup> edição, 1 vol.....	3\$000
<b>Diva</b> perfil de mulher, 2 <sup>a</sup> edição, 1 vol.....	3\$000
<b>Macedo</b> (Dr. J. M.) Victimás-Algozes. 2 vols..	5\$000
— Luneta Magica, 2 vols.....	4\$000
— Theatro completo, 2 <sup>a</sup> edição, 3 vols. 9\$000. Estes volumes encerram os seguintes dramas e comedias: <i>Luzo e Vaidade, Primo da California, Amor e Patria, Torre em concurso, O Cégo Cobé, Abrahão, Lusbella, Fantasma Branco, Novo Othello.</i> — Tambem se vende cada vol. separadamente.	
<b>Pascual</b> , A morte Moral, linda novella, 4 vols. broch. 8\$000 enc.....	12\$000
<b>Gonzaga</b> , Marilia de Dirceu, ornada com o retrato do autor, 2 vols.....	6\$000
<b>Porto-Alegre</b> , Colombo ou O descobrimento d'America, poema, 2 vols.....	8\$000

**OS FRANCEZES**

NO

**RIO DE JANEIRO**

**ROMANCE HISTORICO DO DR MOREIRA DE AZEVEDO**

OS FRANCEZES

NO

RIO DE JANEIRO

ROMANCE HISTORICO

PELO

D<sup>r</sup> MOREIRA DE AZEVEDO

RIO DE JANEIRO  
B. L. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR  
69 RUA DO OUVIDOR 69

1870

YAVR  
3693

A

SEU IRMÃO

**O D<sup>r</sup> MANOEL ANTONIO DUARTE DE AZEVEDO**

LENTE DA FACULDADE DE DIREITO EM S. PAULO, E DEPUTADO À  
ASSEMBLÉA GERAL LEGISLATIVA

**OFFERECE**

**O D<sup>r</sup> MANOEL DUARTE MOREIRA DE AZEVEDO**

OS FRANCEZES

NO

RIO DE JANEIRO

ROMANCE HISTORICO

PELO

D<sup>r</sup> MOREIRA DE AZEVEDO

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

69 RUA DO OUVIDOR 69

1870

**A**

**SEU IRMÃO**

**O D<sup>r</sup> MANOEL ANTONIO DUARTE DE AZEVEDO**

**LENTE DA FACULDADE DE DIREITO EM S. PAULO, E DEPUTADO À  
ASSEMBLÉA GERAL LEGISLATIVA**

**OFFERECE**

**O D<sup>r</sup> M. D. MOREIRA DE AZEVEDO**

## AOS LEITORES

O desejo de ir tornando mais conhecidos certos episodios da historia patria, de lembrar factos notaveis de que rezão as chronicas, esquecidas e empoeiradas nos archivos, de apresentar ao povo os vultos venerandos dos seus antepassados, nos tem levado a buscar assumpto para nossos romances nos monumentos historicos, nas memorias da patria, acreditando que até nos romances, nesses escriptos ligeiros e imaginarios, deve o leitor encontrar um echo do passado.

Lourenço de Mendonça foi a primeira tentativa do romance historico, que o autor delineou e vestio com simpleza e imperfeição; e este é o segundo ensaio, cuja urdidura sahio da leitura das nossas antigualhas,



porque é lá que vamos buscar inspiração para esses nossos trabalhos, afim de caracterisarmos a indole, as tradições, os costumes do paiz em que nascemos e nos cremos, e registrar factos que recordão glorias á patria.

Crêmos que a litteratura, assim como a arte, deve ter um cunho nacional, e que mais proficuo torna-se o livro cujas raizes mais profundamente penetrão no sólo patrio.

I

ESPERANÇAS PERDIDAS

Era no principio do seculo passado.

Celebravão-se em Lisboa esplendidas e pomposas festas para solemnisar a acclamação e sagração do rei D. João V.

As casas particulares, as hospedarias, os conventos e outros edificios publicos regurgitavão de gente, que concorrêra das provincias do reino para assistir á festividade da acclamação do rei.

Teve lugar a solemnidade em janeiro de 1707 com extraordinaria pompa e riqueza, que derão logo indicio do luxo e grandeza que devião reinar na côrte do novo monarcha. Nunca celebrara-se em Lisboa festa de tanta magnificencia.

O filho de Pedro II que, durante seu reinado, procurou imitar a Luiz XIV de França, quiz cingir a corôa de Affonso Henrique

com excessiva pompa; no dinheiro e luxo que dispendeu em sua sagração mostrou-se orgulhoso e parvo, como mais tarde havia sê-lo erguendo esse convento de frades, chamado basilica de Mafra, á custa das lagrimas e angustias de muitos de seus subditos, compellidos a trabalharem nesse monumento que, no dizer do fecundo romancista Camillo Castello Branco, é um acervo de pedaços de marmore que tanto montão alli como nas pedreiras de onde os quebrárão.

Entre os que havião deixado Coimbra para assistirem na capital do reino á acclamação do joven monarcha notava-se Lopo da Silva, que com sua filha de nome Lucia, alugára antecipadamente e por excessivo preço uma casa em uma das principaes ruas de Lisboa.

Lucia tinha vinte e oito annos, e era linda e dotada desses encantos e attrativos que, como um dom do céu, impressionão facilmente, e fazem pulsar o coração de todos que tem amor ao que é realmente bello.

Fabiano um de entre os milhares de transeuntes que percorrião as ruas de Lisboa,

sentio ao encarar o semblante dessa moça que, debruçada na sacada da janella via passar o prestito regio em direcção á Cathedral, uma emoção que agitou-lhe as fibras do coração, e produzio-lhe um abalo jámais experimentado pela sua alma.

Que seria; teria o semblante dessa moça despertado repentinamente no coração de Fabiano o sentimento do amor; teria a flamma do seu olhar acendido na alma desse espectador dos festejõs reaes uma paixão de momento! E porque não?

Facilmente acordão as paixões em nossa alma quando experimentamos sensações que impressionão os sentidos; assim como o movimento vem immediatamente após ao pensamento, assim a sensação vem logo após a impressão, e o coração obedece ao sentimento como o cerebro á idéa.

Começou Fabiano a sentir pela filha de Lopo da Silva uma inclinação que jámais tivera por outra mulher, e desde então procurou ve-la todos os dias, e muitas vezes todos os dias.

E Lucia amou desde logo a Fabiano, acolheu seu coração tão facilmente ao deus Cupido !

Não sabemos por isso que é mais misterioso o coração da mulher; porém não procurou ella esquivar-se aos olhares de Fabiano, antes parecia desejar ve-lo repetidas vezes, e ou por isso ou por uma feliz coincidência achava-se quasi sempre á janella quando o moço atravessava a rua.

Julgou Fabiano ser tempo de declarar á mulher que o fascinara o estado do seu coração; e o fez por meio de uma carta tão banal como sôe ser a correspondencia de namorados. Respondeu-lhe Lucia que votava-lhe vivo interesse, prezava-o como a um irmão, e só desse modo podia estima-lo.

Mas não era esse o amor que nascera no coração inflammado como o delle, e para manifestar mais claramente o que ia-lhe pelo recondito do peito, declarou Fabiano á Lucia que desejava recebe-la por esposa.

Novo desengano.

A filha de Lopo da Silva fez ver ao pobre

moço que um obstaculo insuperavel a separava d'elle, e aconselhou-lhe se retirasse de Lisboa para não alimentar um amor sem esperanças.

Dizei ao naufrago que tiritando de frio, tremulo de susto, com o rosto tumido, afadigado se agarra ás pedras escorregadias da rocha que volte ás ondas; dizei ao enforcado que quasi desfallecido e exanime, com a respiração anhelante cae do patibulo que o suba de novo; aconselhai ao homem que ama apaixonadamente, que esqueça, afaste de si, abafe no coração o amor que é sua vida; e o naufrago, o justicado, o amante vos responderão logo — não.

Pois foi esse o monosyllabo pronunciado por Fabiano ao receber a seguuda carta de Lucia, e mais perseverante, mais apaixonado procurou todos os meios, esforçou-se por aproximar-se da mulher que amava, e dizer-lhe com o olhar incendido, o rosto abrasado o que ella talvez não comprehendera nas linhas escriptas no papel.

Tinha a casa de Lucia um extenso jar-

dim que se prolongava até á rua visinha ; conseguindo subornar um dos criados penetrou Fabiano no jardim onde sabia que Lucia costumava apparecer, e então dir-lhe-ia quanto era puro e vehemente o seu amor.

Realisárão-se as suas esperanças; Lucia veio, e ao chegar ao extremo de uma alea de arvores percebendo-o quiz fugir, mas Fabiano a deteve.

— Esperai, senhora, disse-lhe, não recieis, se vossa honra necessitasse aqui de defensor ninguem o seria tão decidido como eu.

— Mas, que desejais, senhor?

— Dizer que vos amo, D. Lucia, é repetir-vos o que meus olhares, minhas cartas vos terão dito muitas vezes ; mas deixai que com o ardor da paixão vos declare que adoro-vos, que puro e santo é este amor, e tão puro que Deus ha de abençoá-lo junto ao altar ; não é assim !

— Escutai-me ; não fui extranha á impressão que me haveis dito ter-vos causado ;

vendo-vos senti por vós uma inclinação, uma sympathia que quasi sempre nasce instinctivamente, mas ; Lucia balbuciou.

— Acabai.

— Quiz desenganar-vos, despersuadir-vos cedo para não alimentardes um sentimento que não póde subsistir..

— Porque?

— Porque ha um obstaculo que nos separa.

— Qual?

— Sou casada.

Ao ouvir esta palavra apertou Fabiano a cabeça entre as mãos, e soltou um profundo suspiro tão sentido como um gemido do peito. Visivelmente commovido disse elle.

— Como sou desditoso ! Que grande obstaculo se antepoz á minha felicidade ; mas devo por isso deixar fenecer todas as esperanças do meu coração, devo perder a fé no meu futuro ; que dizeis Lucia ?

— Que posso responder-vos ! Arrastado por um zelo exagerado de ciúme tornou-se meu marido injusto e ingrato, abandonou-



me, e afastou de mim um filho que eu tanto estremecia ; meu pai abriu-me as portas de sua casa onde espero viver até que meu esposo reconhecendo sua ingratidão, venha buscar-me, ou até que a morte me affaste do mundo. Assim, que posso prometter-vos ; apenas posso aconselhar-vos que apagueis do coração esse amor infeliz.

— Não, já vos não posso esquecer, vela-  
rei pelo meu amor até que o destino nos  
una, se não neste mundo ao menós no outro.

Neste momento ouvirão-se passos, e re-  
ceando Lucia que alguém se aproximava  
despedio-se de Fabiano, que apressadamente  
deixou o jardim.

Correrão seis mezes e durante esse tempo  
não houve dia em que Fabiano deixasse de  
passar pela rua, onde residia Lopo da Silva;  
continuara a sua correspondencia amorosa  
com Lucia, e repetidas vezes lhe pedira uma  
entrevista ; mas, pretextando diversos obs-  
taculos, esquivava-se a filha de Lopo, e  
apenas concorria á janella nas horas em que  
Fabiano costumava a passar.

Decorreu porém uma semana durante a qual conservou-se fechada a casa de Lucia; tratou Fabiano de indagar se Lopo da Silva se mudara, e soube que se retirara para uma quinta nos arredores de Lisboa por achar-se a filha gravemente enferma.

Partio o moço para lá, e no mesmo dia que chegou recebeu esta carta:

« Morro amando-vos. Deus salvou-me mandando-me tão cedo; é uma peccadora quem vos diz. Desejava relatar-vos as dores que esse amor que me inspirastes me ha causado, mas não quero dilacerar o vosso coração; seja eu só a victima. Meu marido que tão injusto e cruel foi para commigo tornou-me esposa e mãe infeliz; afastou para longe de mim o meu filho Frederico que consta achar-se no Brasil. Se algum dia os ventos vos levarem a essas regiões longinquas amparae o meu filho, e encontre elle no vosso coração o amor que não achou no de seu pai. Eis o que em lembrança do nosso amor desditoso vos pede uma infeliz que prestes vai deixar a vida.—LUCIA. »

Ao terminar a leitura desta carta Fabiano cahio quasi desfallecido ; as lagrimas lavavão-lhe o rosto e os soluços suffocavão-no ; cravando os cotovellos na meza, e cobrindo o rosto com as mãos esteve muitas horas quêdo, sem pronunciar palavra.

Quinze dias depois, na frota que se dirigia ao Brasil, deixava Fabiano a terra em que nascera para talvez nunca mais voltar a ella.

II.

O LEIGO.

Em uma manhã dos primeiros dias do mez de janeiro de 1708 batia á portaria do convento de Santo Antonio da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro um homem com calções de estamenha, véstia de panno baixo, chapéo desabado e envolvido em um capote còr de azeitonas. Era ainda moço, mas apresentava no semblante uma melancolia que denotava a profunda dôr que ia-lhe na alma. O guardião recebeu o desconhecido que declarou-lhe haver chegado de Portugal ha poucos dias, e desejar professar na ordem franciscana como religioso leigo. Levado ao padre provincial, depois de exames e indagações necessarias, foi o desconhecido conduzido á casa do noviciado onde presenciou as penitencias dos noviços.

Depois de feita a confissão geral abriu-lhe o pedagógo o cercilio, tirou-lhe as vestes e

deu-lhe a capa preta, e conduzido descalço á igreja ajoelhou-se o noviço aos pés do prelado da ordem e repetio-lhe :

— Muito reverendo padre, eu desejo deixar o mundo e servir a Deus nesta santa provincia professando nella a regra do padre S. Francisco ; peço á vossa paternidade pelo amor de Deus que, ~~sem~~ attender ao meu grande desmerecimento, me admitta na sua amavel companhia e me lance o santo habito.

Depois de breves perguntas para se reconhecer o firme proposito do candidato á ordem, das absolvições e indulgencias plenas, e de haver repetido a confissão foi frei Fabiano revestido do habito e cordão.

Durante esta cerimonia conservara-se o noviço de joelhos, e terminados os hymnos sagrados voltou á casa do noviciado com o mesmo ceremonial com que fôra conduzido á igreja.

Decorrido o anno do noviciado em penitencias e mortificações professou frei Fabiano como frade leigo.

Alguns mezes depois pediu frei Fabiano de Christo ser empregado como enfermeiro dos religiosos, e accedendo o provincial entrou frei Fabiano na enfermaria, estabelecida em um vasto salão na parte posterior do edificio do convento.

Começou então a vida santa e humanitaria de frei Fabiano de Christo.

Junto ao leito dos doentes e dos moribundos patenteou esse frade leigo inteira dedicação e muita caridade; administrava cuidadosamente os remedios e as dietas, consolava pacientemente aos afflictos, resignava aos moribundos, acudia aos gemidos de todos, e se não esgotava com os pobres enfermos a sua paciencia e caridade.

Pedira para si a cella mais proxima da enfermaria, e se alli se recolhia para ter algum repouso, despertava-o promptamente o primeiro ai, o primeiro gemido dos doentes.

Rezão as chronicas do convento um facto que lembra a humildade e profunda resignação desse frade, que se devotara ao penoso encargo de enfermeiro.

Achava-se doente em um dos leitos da enfermaria um frade já idoso, que havendo pedido um caldo a frei Fabiano apressou-se este em trazer-lh'o, mas ou por estar o caldo mal preparado, ou pelo estado de excitação nervosa em que se achava o doente, arremessou este com a chicara sobre o rosto do enfermeiro que ficou com as faces envermelhadas e queimadas. Resignado e humilde disse o leigo :

— Socegai, meu padre, vou já preparar-lhe outro caldo.

A bondade, a resignação evangelica do humilde enfermeiro tocou o coração do religioso que, erguendo-se no leito, ajoelhou-se e pediu-lhe perdão.

— Desculpai-me, supplicou o padre velho, e por Nosso Senhor Jesus Christo, vos peço não reveleis este insulto que irreflectidamente vos fiz.

Frei Fabiano tranquillizou-o, deitou-o, e prometeu-lhe que não diria a ninguem o que se passara entre ambos. Mas apresentando no dia seguinte signaes de queima-

dura no rosto perguntou-lhe o provincial que lhe acontecera: frei Fabiano recusou-se a dizer, mas ordenando-lhe o prelado, sob preceito de obediencia que lh'o declarasse, tomou o enfermeiro um crucifixo, ajoelhou-se, e referindo tudo pediu pela imagem que tinha entre mãos, o perdão do culpado.

Suspendeu-o o provincial, e abraçou-o elogiando sua humildade e bondade de coração.

A pratica colhida na enfermaria fizera-lhe conhecer o uso e emprego dos medicamentos, assim como a diagnosticar as molestias; por isso, logo que adoecia qualquer religioso era o frade leigo quem receitava-lhe os primeiros remedios; e se o doente não desejava recolher-se á enfermaria levava-lhe o leigo á cella os medicamentos precisos, o que se permittia quando o mal era passageiro.

De dia para dia foi crescendo a proficiencia do frade leigo, que começou a obter fama de entendido em molestias e remedios; em pouco tempo os frades se não quizerão tratar senão por elle, porque só no frade



leigo havia fé; começárão seus remedios e diagnosticos a ser considerados infalliveis.

Em breve espalhou-se pela cidade a fama do humilde enfermeiro dos franciscanos; tornarão-se conhecidas e estimadas suas receitas, e apregoado seu tino e felicidade no curativo das molestias. Começou o povo a dirigir-se ao convento para consultar a frei Fabiano em suas molestias, e pedir-lhe receitas; e erão sempre proficuas as applicações aconselhadas pelo caritativo enfermeiro.

Muitos doentes, depois de haverem esgotado todos os meios de curativo, recorrião a frei Fabiano, e ouvindo-o achavão linitivo para seus males.

As repetidas e quasi miraculosas curas operadas pelo leigo derão-lhe a reputação de santo, e por isso os ricos, os poderosos da terra, os pobres, os aleijados, os paralyticos arrastavão-se até ao claustro dos capuchos para supplicar ao leigo enfermeiro receitas á seus males

Já se não referião curas, senão verdadeiros

milagres realizados pelo virtuoso enfermeiro, que tornou-se respeitado de seus irmãos da ordem, e venerado pelo povo.

Se ia ver a algum doente, e apesar de acha-lo em estado assaz grave dizia que havia de restabelecer-se, assim acontecia, mas se prognosticava a morte, era certo terminar a molestia fatalmente.

Adoecendo o mestre de campo Martim Corrêa Vasques que, com o bispo D. Francisco de S. Jeronimo e Gregorio de Castro, regera interinamente a capitania, foi medicado por diversos cirurgiões, mas chamado o leigo frei Fabiano para ve-lo, declarou logo que o doente não podia durar mais de cinco dias, e assim aconteceu ; em 25 de junho de 1710 falleceu Martim Corrêa, que leyado no esquife da irmandade de S. Pedro, a que pertencia, teve jazigo na igreja da ordem terceira de S. Francisco. (\*)

Logo que chegara ao Rio de Janeiro procurara Fabiano obter noticias do filho de Lucia ; havendo recebido o habito e cordão

de frade franciscano continuara as suas investigações, mas já haviam decorrido mais de dous annos sem haver descoberto qualquer nova de Frederico, tão cedo arrancado aos braços de sua mãe.

### III

#### A AGUA MILAGROSA.

Ainda existe no convento de Santo Antonio desta cidade um moringue que pertenceu a frei Fabiano.

A agua dessa pequena bilha de barro era considerada milagrosa pelo povo, que applicava-a em diversas molestias, e referião-se curas miraculosas operadas por essa agua, quer pela fé que votava-lhe o povo, quer pelos ingredientes mais ou menos activos que pudesse conter; principalmente como applicação externa era de incontestavel virtude, mas empregava-a o povo em todos os males externos e internos, e considerava-a remedio iufallivel.

Depois de esgotada toda a pharmacopea não os doentes buscar a agua de frei Fabiano, e em pouco tempo dizião-se curados.

Se em estado grave ouvia o doente o juizo

desfavoravel dos cirurgiões, se não aterrava nem perdia as esperanças antes de experimentar a agua do enfermeiro do convento, remedio empregado em casos desesperados, e muitas vezes proveitosamente.

Não desejamos entornar no espirito do leitor idéas nocivas e supersticiosas, mencionamos os factos como a tradição os conservou, e só podemos acrescentar que os sentimentos religiosos, a crença da época de que escrevemos, e a fé que se tributava ao frade leigo, tão humildemente dedicado ao curativo dos enfermos, podem explicar essas noticias que á primeira vista parecem embusteadas e rediculas.

Tornara-se frei Fabiano o medico predilecto do povo, só nelle havia fé, assim não só da cidade como do reconcavo, vinhão individuos consultar ao enfermeiro do convento.

De um dos arrabaldes da cidade veio um moço quasi cego apresentar-se ao humilde e caritativo leigo, que examinou-o, observou-lhe os olhos e receitou-lhe a agua santa do moringue.

Começou o doente a usar do remedio que produzio-lhe melhoras successivas, e no fim de dous mezes achava-se restabelecido.

Satisfeito e risonho dirigio-se ao claustro a agradecer ao seu bemfeitor o curativo.

— Havia empregado todos os medicamentos, disse-lhe o moço, mas inutilmente, e só o vosso remedio pôde curar-me a vista.

— Foi porque assim o permittio a Providencia, meu filho, respondeu-lhe o leigo.

— E restituistes-me a luz aos olhos e a esperanza ao coração.

— Pois já havieis descrido, perguntou-lhe o frade em tom aspero.

— Sim, já havia descrido da felicidade e do amor. Ha doze annos vim para o Brasil; era um menino de sete annos quando meu pai, sem eu saber o motivo, afastou-me repentinamente dos braços de minha mãe, e entregou-me a um capitão de navio que, partindo na frota que se dirigia a este paiz, conduzio-me comsigo. Ao chegar nesta cidade fui levado á casa de um mercador que admittio-me como caixeiro. Dez annos pas-

sei-uma vida de tormentos e privações, mas depois desse longo captiveiro meu amo chamou-me, e alegre disse-me.

— Desde hoje ficas sendo socio nesta casa.

Agradecei-lhe, e desde então começou uma nova vida para mim, adquiri liberdade e principiei a ter avantajados lucros no negocio. Porém pouco tempo sorrio-me a felicidade; sobreveio-me aos olhos, activa e grave inflamação, e já acreditava-me cego quando comecei a usar do vosso remedio miraculoso.

— Não, meu filho, acrescentou o leigo, é uma simples mezinha; se vos fez bem foi porque a Virgem Nossa Senhora deitou-lhe a virtude.

— E quanto vos devo?

— Nada; é a caridade divina quem manda distribuir esses remedios preparados por nós pobres frades, que, devotados ao amor de Deus, devemos tambem amar muito ao proximo.

— Eu vos agradeço, tornou-lhe o moço,

e ficai certo de que o cego Frederico, como já me chamavão, se não esquecerá jamais que vos deve o restabelecimento da vista.

— Dissestes que ha doze annos viestes para o Brasil e que o vosso nome era.... retorquio frei Fabiano como preocupado com alguma idéa.

— Frederico.

— E como se chamava a vossa mãe.

— Lucia.

— Lucia, bradou frei Fabiano erguendo-se da cadeira de couro lavrado em que estava sentado.

— Sim ; recordo-me muito della, dos afagos e carinhos com que me acolhia, dos olhares ternos que lançava-me a todos os momentos, dos risos que expandia-lhe o semblante quando apertava-me contra seu seio, do amor com que ao passar seus dedos pelos meus cabellos annelados repetia-me « meu filho eu vos amo ». Ah, meu padre, não é tão bom ter-se mãe ?

— Sim, é, murmurou frei Fabiano commovido, mas talvez a vossa ainda exista, e



tenhais o prazer de vê-la, abraça-la.

— Não, redarguiu Frederico, é morta, e as lagrimas assomarão-lhe aos olhos.

— Morta!

Sim, pereceu em Lisboa em casa de meu avô, e...

— E o nome do vosso avô, perguntou frei Fabiano interrompendo-o.

— Lopo da Silva.

— Meu Deus, bradou o frade erguendo os olhos e as mãos ao céu, graças meu Senhor!

Notando o interesse que suas respostas despertavam no religioso, perguntou-lhe Frederico.

— Conhecestes minha mãe, e meu avô?

— Sim, meu filho, e o frade abaixou o semblante e cahio em profunda melancolia.

— Mas, dizei-me, ella vos fallou em mim, recordou-se de seu filho tão cedo afastado do lar paterno para ser desterrado em paiz longinquo!

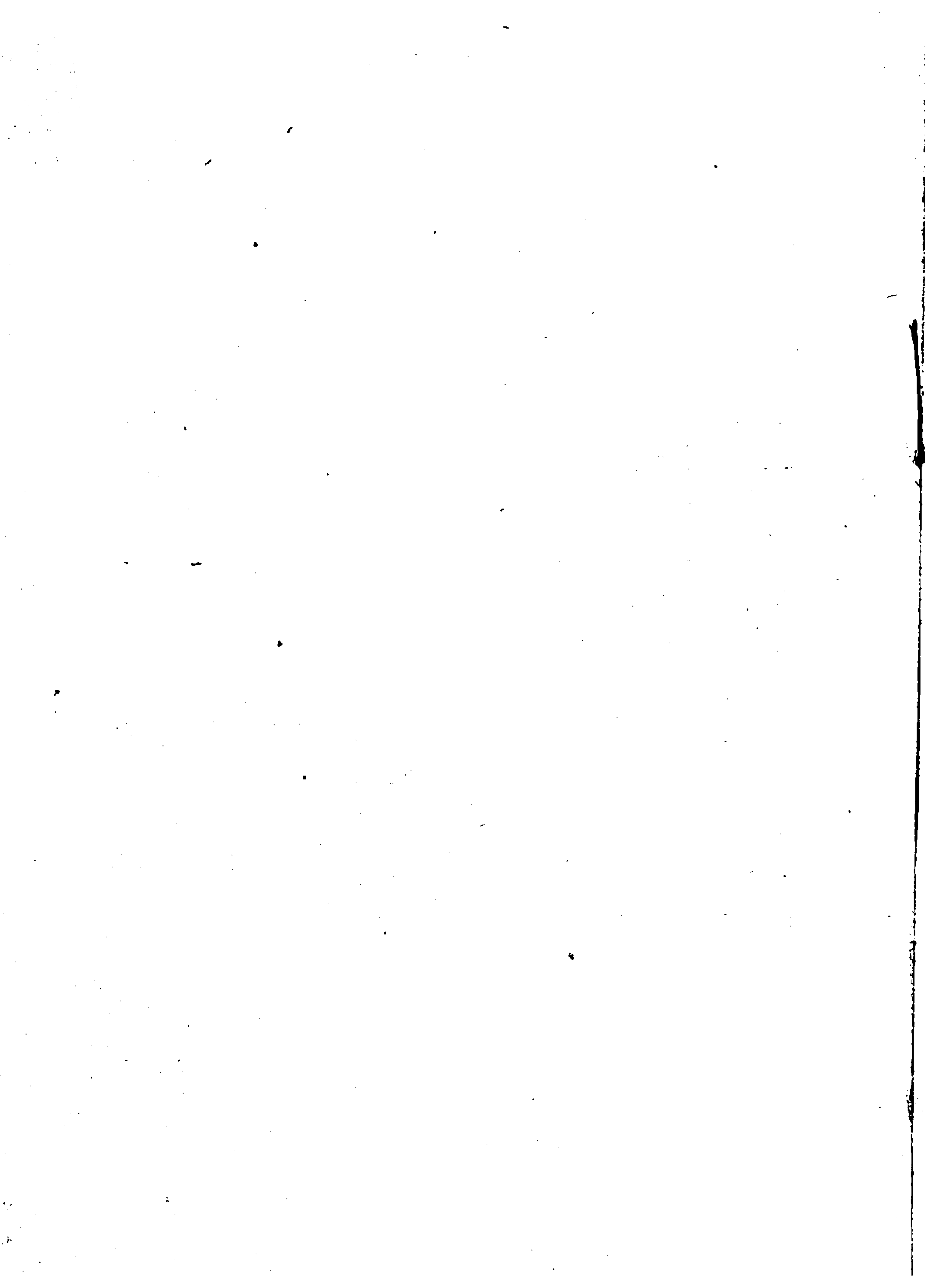
— Vossa mãe muito vos amava, meu filho, tornou-lhe o frade, e pouco antes de mor-

rer pedio-me que se a sorte me conduzisse a esta terra vos amparasse, e vos servisse de pai; mas que vos podê fazer um pobre frade leigo, acrescenton Fabiano abaixando os olhos, cruzando os braços sobre o peito, e mui meditativo.

— Muito, retorquio Frederico, porque muito já me fizestes trazendo-me de novo a luz aos olhos; sereis meu protector, meu pai, meu amigo, meu irmão. Vivendo tão distante da terra em que nascemos, haja em nossos corações um amor que nos console e mitigue nossas saudades. A vossa mão, meu padre.

Frei Fabiano estendeu-lhe a mão, e apertando junto á sua a de Frederico, disse-lhe mostrando-lhe uma imagem de Christo.

— Serei vosso amigo, eis a testemunha sagrada de nossa amizade.



IV.

AMOR DESDITOSO.

Encontrou Frederico em frei Fabiano um coração amigo e dedicado; tornou-se o enfermeiro dos Franciscanos seu mais devotado e sincero amigo, e seu melhor protector. Todos os dias ia Frederico visita-lo e ambos passavam horas e horas em colloquios intimos.

— Disse-vos, meu padre, repetia Frederico em uma tarde a frei Fabiano, que restituistes-me a vista aos olhos e a esperança ao coração; sabeis como?

— Contai-me, meu filho.

— Nove annos depois de haver chegado a esta cidade encontrei-me em uma reunião familiar com uma moça linda, cujo olhar encantava e seduzia; ao encara-la senti uma sensação estranha e tão profunda que comprehendí logo a influencia que aquella mulher havia de exercer em minha vida; nos-

— sos olhares encontrá-rão-se muitas vezes nesse dia e nos seguintes, e os nossos corações, nossas almas unirã-o-se, amarã-o-se.

— Infelizes, murmurou o frade.

— Thereza leu em meus olhos o amor do meu coração, e santificou esse amor em sua alma de virgem. Porém cedo reconheci que um obstaculo se interpunha entre mim e Thereza; seu pai orgulhoso e altivo me não admittiria em sua familia. Conheceis o juiz de fóra?

— Luiz Fortes de Bustamante?

— Sim, o presidente da camara, e logo que soube que era elle o pai de Thereza comprehendí que não annuiria ao casamento de sua filha com um pobre mercador, sem parentes, desconhecido e desprezado; mas o coração que ama é como a mariposa que soffre o calor, queima as azas e morre circumvizinhando a luz.

— E' assim, redarguiu frei Fabiano pensativo.

— Mas uma molestia veio desalentar-me, enlutar-me a alma; vi-me ameaçado da ce-

gueira ; alguns mezes vivi nas trevas, e em quanto es remedios applicados embaceavão-me mais a vista, o vosso operou o milagre, fiquei bom.

— Seja Deus louvado, accrescentou o leigo.

— Reabri os olhos á luz e o coração á esperança ; o amor renasceu-me vivo e intenso como nos primeiros dias de felicidade; mas nova desdita estava-me reservada.

— Qual ?

— Um homem rico, um fidalgo rendeu-se ao olhar magico da filha de Bustamante, e consta-me que já pedio-a em casamento.

— Quem ?

— Gregorio de Castro.

— O irmão do governador ?

— Sim, esse fidalgo, mestre de campo, que além dos titulos que o innobrecem, tem serviços que o distinguem.

— Illustrou-se em Minas á frente de duas companhias de seu terço ; é um rival digno de temer-se.

— Sei, e creio que breve será o esposo

de Thereza. Ah, meu padre, é o amor que nos prepara os primeiros infortúnios da vida.

— Mas já se impetrou a licença de el-rei nosso senhor para a celebração do casamento?

— Dizem que sim, e logo que chegue...

— Póde porém demorar-se.

— Que importa, chegará por fim, e por satisfazer a seu pai, orgulhoso de honras e títulos, Thereza esposará o irmão do governador. E que será de meu coração, frei Fabiano, acrescentou Frederico com tanta expressão de dôr que o leigo commoveu-se.

— Mas quem sabe se esse casamento se realizará; o homem põe, Deus dispõe.

— E' inútil querer derramar alguma esperança neste coração dilacerado; breve entrará a frota do reino e virá a licença de el-rei para a união de Gregorio de Castro e Thereza. E hei de presenciar esse enlace sem estalarem-me as fibras do coração, continuou Frederico como se fallasse comsigo só.

— Ainda não tendes bastante fé, retorquiu-lhe o leigo, ainda a crença vos não robusteceu a esperanza; sois fraco porque duvidaes; lembrai-vos de que este habito de estamenha, que me cobre, abafa um coração que amou como o vosso, mas sempre fortalecido pela esperanza, até que a morte da mulher que amava trouxe-lhe o desengano da felicidade neste mundo. Ainda assim não desesperou, e em seu auxilio veio o sacrosanto amor de Deus. Esperae, illuminae a vossa alma com essa luz santa e divina que Deus collocou junto ao homem, e que se não apaga senão no instante em que começa a grande noite do tumulto; esperae; Gregorio de Castro póde não ser o esposo de Thereza, e vós...

— E eu, perguntou Frederico enlevado.

— Ser o escolhido por Deus para companheiro inseparavel da filha de Bustamante.

— Ah, como são consoladoras vossas palavras; não tendes só a sciencia dos homens tendes tambem a do céu; destes-me luz aos olhos e agora vida ao coração.



— Não : é Deus que começa a illuminar  
vossa alma ; tenhaes fé e sereis feliz,

— Serei ouvindo-vos e procurando imi-  
tar-vos.

Pouco depois despedia-se Frederico do  
humilde leigo, tendo antes beijado-lhe a  
mão e recebido sua benção.

V.

OS DOUS IRMÃOS.

Francisco de Castro de Moraes e Gregorio de Castro de Moraes, nomeados mestres de campo dos terços de infantaria da praça do Rio de Janeiro, chegarão a esta cidade antes do anno de 1699.

Ambos se havião casado em Portugal; e ao deixar a mulher de Gregorio de Castro as terras da patria, assim como seus pais, confrangio-se-lhe de dôr o coração, e sentio-se quasi indecisa em acompanhar o marido ou ficar com seus pais, que se debatião nas âncias da saudade, e lastimavão haver creado filha tão estremecida para tão cedo vê-la arrebataada para um paiz longinquo.

A nostalgia é uma moléstia, enluta o coração, entristece e abate os animos, e traz por fim o enfraquecimento geral, o aniquilamento das forças e a morte. Só bastava isso para mata-la; restava ainda a D. Maria

de Castro, esposa de Gregorio de Castro, as saudades vivissimas de seus pais para roubar-lhe as alegrias da existencia, definhar-lhe o corpo, tirar-lhe o viço, as côres da mocidade e trazer-lhe a decrepidez prematura, depois os achaques, e depois a morte.

D. Maria de Castro pereceu gemendo um suspiro profundo que era um adeus á seus pais, e um adeus á patria.

Por se haver ausentado para Lisboa o governador da capitania do Rio de Janeiro, D. Alvaro da Silveira, entrara Gregorio de Castro, juntamente com o bispo D. Francisco de S. Jeronimo e Martim Corrêa Vasques, no governo interino da praça em 1704.

Foi nesse anno que falleceu D. Maria de Castro, lastimada por seu marido, filhos e pelos pobres, que tambem erão seus filhos. Deixou dous filhos e uma filha que entrou-se de tanta melancolia pela morte de sua mãe que, desprezando as alegrias e prazeres da mocidade, resolveu entrar em clausura; seu pai satisfez-lhe o intento, e D. Luzia de Castro recolheu-se á Portugal onde professou no convento da Esperança, em Lisboa.

Achava-se Gregorio de Castro viuvo quando foi enviado contra os paulistas forasteiros que inquietavão a capitania de Minas, e á frente de seu terço mostrou valor e denodo.

Seu irmão Francisco de Castro de Moraes administrara interinamente em 1700 a capitania do Rio de Janeiro por ausencia do governador Arthur de Sá e Menezes; regêra depois a capitania de Pernambuco, onde se conservara, até 1710 em que foi provido na governação do Rio de Janeiro.

Nesse anno regressou Gregorio de Castro á esta cidade, e acontecendo vêr em um dia de cortejo á effigie do rei, no palacio do governador, á filha de Fortes de Bustamante com uma vasquinha de seda, um pellote de panno apertado sobre o justilho, uma capa curta cahida sobre os hombros, sapatos com fivelas de prata e alto penteado com perolas e plumas, espelhou-se em sua alma a imagem dessa mulher; repentinamente apagarão-se-lhe as ultimas lembranças que restavão-lhe de D. Maria de Castro, e desde

então um sentimento vivo e vehemente surpreendeu-lhe o coração; Gregorio de Castro amou.

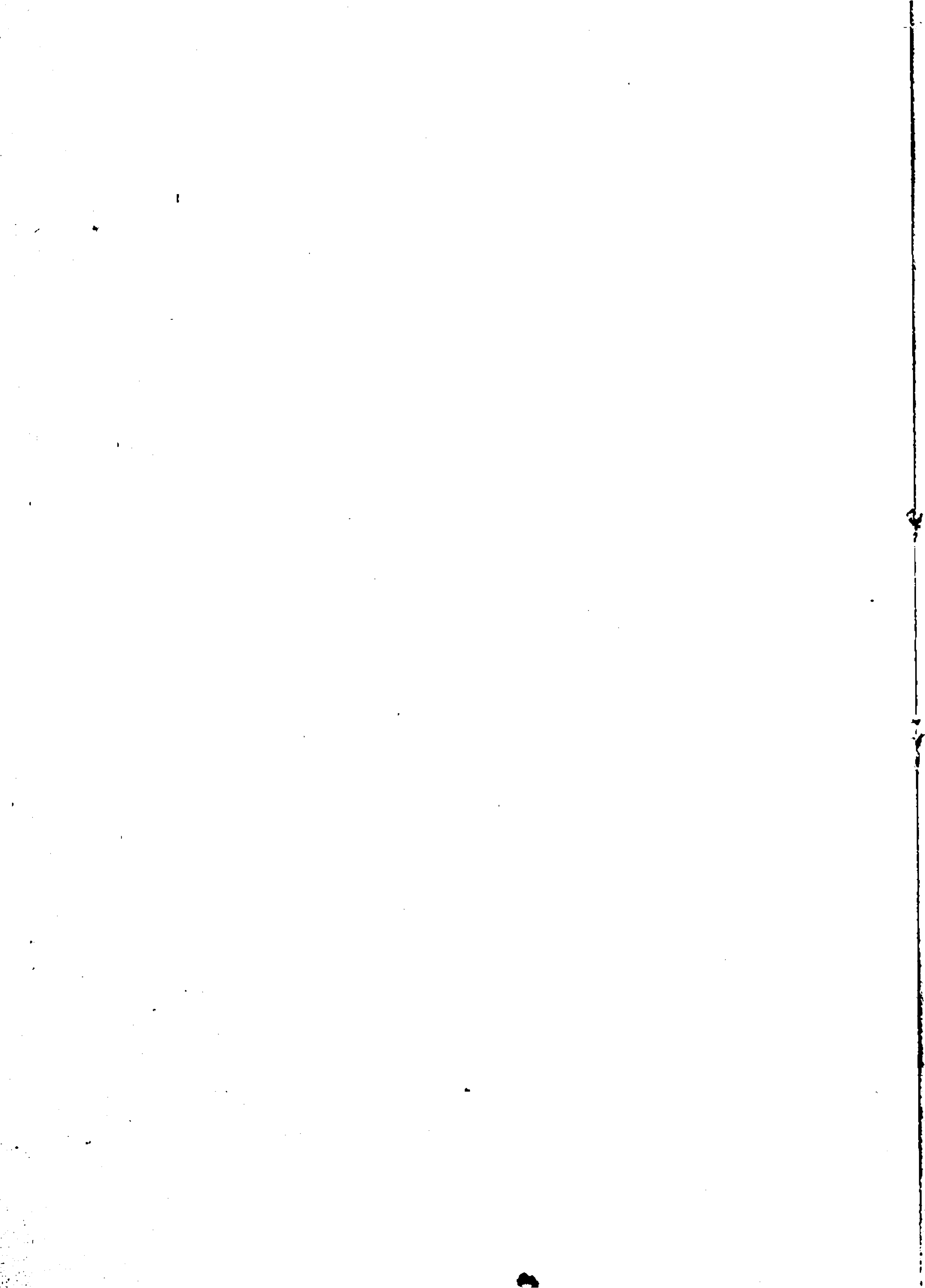
E Thereza!

A estatura elevada e nobre do mestre de campo, seu olhar expressivo, a farda encarnada com passamanes de prata, o calção azul, os burzeguins de couro, os cabellos apolvilhados e o chapeo desabado tornavão-no elegante e de aspecto agradável, mas Thereza nem mostrou reparar no garboso militar, nem retribuiu-lhe com agrado as atenções que lhe merecera.

Thereza amava a Frederico, e a mulher que ama só tem olhares apaixonados e expressivos para aquelle a quem dedicou seu coração; por isso passara-lhe despercebido, não imprassionárão-a a presença e afagos do irmão do governador da capitania; Fortes de Bustamante porém exultou de alegria ao notar a impressão que sua filha causara a Gregorio de Castro, e contentissimo ficou quando o mestre de campo divulgou-lhe o amor que ia-lhe no peito, e fez-lhe dias depois o pedido formal da mão de Thereza.

Fortes de Bustamante accedeu, e mandou immediatamente pedir permissão a el-rei para a celebração do casamento; á filha porém nem consultou, nem ouviu-lhe a voz do coração.

Esperava-se o consentimento regio para a união dos noivos, quando occorrêrão os acontecimentos que o leitor vai ver no capitulo seguinte.



VI.

INVASAO INIMIGA.

Um mez depois da scena que acabamos de esboçar deu-se no Rio de Janeiro a invasão dos francezes.

Notando os habitantes de Cabo Frio a passagem de algumas embarcações estrangeiras que se dirigião para o sul, participarão o facto ao governador do Rio, Francisco de Castro de Moraes, que ordenou se guarnecessem as fortalezas e chamou as armas toda a milicia.

Aproximárão-se os navios francezes da barra, mas impedindo-lhes a entrada a fortaleza de Santa Cruz, navegárão para a ilha Grande, bombardeárão a villa desse nome, que foi corajosamente defendida pelo capitão João Gonçalves Vieira á frente das ordenanças, e dirigirão-se á Guaratiba onde desembarcárão; guiados por um negro começaram a trilhar caminhos asperrimos e difficeis que os avizinharão da cidade.



Sciende o governador do desembarque do inimigo e de sua aproximação mandou tocar a rebate, reuniu as milicias, os regimentos velho e novo, as duas companhias de cavallaria que havia na cidade, chamou diversos voluntarios, e, á frente desse exercito organizado apressadamente, marchou para o campo do Rosario. Em dous dias levantara-se uma trincheira que se estendia do morro da Conceição ao de Santo Antonio.

Precedido do cabido, dos religiosos de todos os conventos, e de muitos sacerdotes appareceu o bispo D. Francisco de S. Jeronymo no acampamento, e abençoou e espargio agua benta sobre o governador, o estandarte nacional e o exercito.

Francisco de Moraes proclamou aos soldados e ao povo, e bradárão todos que esperavão debellar e destruir o inimigo, para que lhe custasse caro aquella tão insolente audacia.

No dia seguinte determinou o governador ao guardião do convento de Santo Antonio, assim como aos dos outros mosteiros, que

fizessem celebrar por todos os religiosos o santo sacrificio da missa por sua tenção á bem da victoria que esperava alcançar.

Mui devoto do gl'orioso padre confessor Santo Antonio, conferio-lhe Francisco de Moraes a patente de capitão, tendo assim o milagroso santo um accesso assaz raro na vida militar, pois de simples soldado, cujo soldo recebia, assumio ao posto de capitão!

Grato á honra tributada ao orago do convento, enviou o provincial ao governador o bastão do santo para que, tendo-o nas mãos, pelejasse; mas, depois de beijar o santo cajado, remetteu-o Francisco de Castro ao provincial para colloca-lo nas mãos santificadas que o sustinhão, e supplicou-lhe que conduzisse para a muralha, que circunda o terrado em frente ao convento, a imagem do milagroso padre; como se o santo capitão alli postado á olhar para as milicias e os regimentos pudesse commanda-los e incutir-lhes valor e brios!

No dia 18 de setembro de 1710 chegarão os inimigos ao Engenho Velho, onde per-

noitárão, causando grande damno aos je-  
zuitas. em gado, assucar e outros productos  
agricolas; no dia seguinte abrirão caminho  
pela estrada do Barro Vermelho, e apropin-  
quárão-se da lagôa da Sentinella que se es-  
tendia entre as ruas do Conde, do Areal e  
pouco mais.

Fez-lhes frente alli Bento do Amaral, o  
côrajoso chefe da companhia dos estudantes,  
que em todos os encontros com os francezes  
causou-lhes muito destroço, e deu renome  
á patria.

Seguindo pela azinãhaga de Matakavallos  
(1) subirão os inimigos o morro do Desterro,  
hoje de Santa Thereza, e ao descer forão in-  
vestidos por duzentos paisanos guiados pelo  
frade trinitario Francisco de Menezes, que  
aprisionou e matou a muitos.

Acelerando a marcha conduzio Duclerc  
os seus soldados até a capella da Ajuda er-  
guida na esquina da rua, que mais tarde  
recebeu o nome de Barbonos; ahi soffreu  
vivissimo fogo da fortaleza de S. Sebastião,

---

(1) Hoje rua do Riachuelo.

levantada no morro do Castello, e commandada por José Correa de Castro. Mas continuou Duclerc a sua marcha para o interior da cidade, chegou á rua da Ajuda, entrou na rua do Parto, e alcançou a praça do Carmo, experimentando muitos revezes não só pelas continuas descargas de mosqueteria desparadas nas esquinas das ruas, como pelo fogo, que das janellas de suas habitações fazião os moradores.

Tentou o inimigo apoderar-se do convento do Carmo, mas foi repellido; avançou pela rua Direita, porém junto á igreja da Cruz achou quem lhe disputasse o terreno; e entre os mais denodados defensores distinguio-se o valente capitão Antonio Dutra. Aproximárão-se Duclerc e os seus da alfandega e do palacio do governador, onde esforçárão-se por entrar, porém repellirão-os os corajosos estudantes de Bento do Amaral.

Ouvio-se nesse momento o estampido de uma explosão que produzio o incendio da alfandega, do palacio do governador, que lhe era contiguo e de mais duas casas; ha-

vendo-se ateado o fogo em alguns barris de pólvora armazenados na alfandega ; diversas pessoas perecerão nas chammas, assim como tres estudantes da companhia de Bento do Amaral.

O estrondo da explosão acordou do seu lethargo a Francisco de Moraes, que continuou quêdo no campo do Rosario, mas destacou para o lugar do perigo o seu irmão Gregorio de Castro, que pelejou como valente guerreiro que era, mas ao defender o estandarte do seu terço, duas balas inimigas ferirão-no mortalmente ; seus soldados carregárão-no em uma padiola para uma das casas vizinhas, louvando-lhe seus brios militares, sua valentia e denôdo, qualidades oppostas á covardia, inercia e inaptidão de seu irmão Francisco de Moraes.

Notando que perdera mais de quatrocentos homens e que achava-se atacado por forças mui superiores ás suas, determinou Duclerc apoderar-se do trapiche da cidade, e ahi resistir com a infantaria ; de feito occupou-o, e fortificou-se com seis peças de artilheria que encontrara na praia.

Logo que soube da imprudencia do general francez em encerrar-se no trapiche, julgou Francisco de Moraes azada a occasião para mover-se, e marchando á frente de seus soldados veio intimar a Duclerc que se rendesse ao *vencedor*, mas como o inimigo recusasse entrar em negociações, mandou o governador buscar a artilheria da ilha das Cobras e começou a cercar os francezes.

Alguns corajosos guerreiros offerecerão-se a tomar de assalto o trapiche, e um delles Antonio Dutra avançou contra o inimigo, querendo ser um dos primeiros a entrar onde se achavão os francezes, mas uma balã varrou-o, e prostrou sem vida ao valente cabo de guerra.

Como se demorasse a artilheria pensou-se em collocar barris de polvora por debaixo do trapiche para faze-lo saltar, e esquecendo-se um alferes de ordenanças de que na casa contigua ao trapiche residião sua mãe, mulher, irmãos e filhos, offereceu-se para atear o incendio, mas se não realizou tão violento sacrificio.

Duclerc resolveu capitular, e o fez com seiscentos e quarenta homens do seu commando. Forão elle e treze officiaes enviados presos para o collegio dos jesuitas, e agri-lhoados os soldados forão remettidos para a cadêa, casa da moeda e conventos com sentinellas á vista.

Quando os sinos de todos os campanarios saudavão a victoria dos portuguezes, quando rebentavão no ar milhares de foguetes e salvavão as fortalezas, estorcia-se nas agonias da morte o mestre de campo Gregorio de Castro; os cirurgiões pensárão-lhe as feridas, mas erão ellas tão graves que logo apoz entrou o doente nos paroxismos da morte, o rosto decompõe-se, empanárão-se os olhos, assomou aos labios uma espuma ensanguentada, e ao partir-se-lhe do peito o ultimo ai resmoneou um nome que se pôde perceber; foi o de Thereza.

VII.

DEPOIS DA VICTORIA

— Na mesma tarde em que Duclerc capitulou tratou-se do enterramento dos guerreiros mortos em combate ; os soldados forão sepultados no cemiterio da santa casa da Misericordia ; o cadaver do capitão Antonio Dutra foi conduzido com pompa á igreja da Sé, onde teve jazigo em uma sepultura rasa, e o de Gregorio de Castro, conduzido para a igreja do convento dos Franciscanos, ficou depositado até o dia seguinte, em que houve os funeraes assistindo a todas as ceremonias funebres o governador, a camara, o bispo, o cabido, a nobreza e povo.

Havia na cidade grande agitação ; os foguetes que estalavão, o som continuado dos sinos, os vivas á el-rei D. João 5º, os tiros das fortalezas, os gemidos dos feridos que erão removidos para o hospital da Misericordia e para outros edificios, o sahimento fu-



nebre dos mortos, os lamentos dos que choravam a morte de seus parentes, e os gritos de alegria que erguião os pais, os maridos, os irmãos, os filhos, os amigos ao encontrarem aquelles que julgavão haver perecido, produzião uma confusão e desordem que até então se não presenciara.

Alli era uma mãe que lavada em lagrimas abraçava o cadaver do filho que morrera em defeza da patria; acolá era a viuva que, sufocada pelo pranto, beijava a face fria do esposo; mais adiante era a irmã que atirava-se aos braços do irmão, que julgara ter perecido na peleja, e proximo via-se um velho que em assomos de alegria saudava o filho que voltara são e salvo do combate; e essas scenas de dores e alegrias, de prantos e risos repetião-se em quasi todas as ruas, em quasi toda a cidade.

As igrejas estavam abertas e atonetadas de povo; uns entoavão hymnos a Deus pela victoria da patria, outros pela salvação de parentes e amigos, e outros afflictos e chorosos imploravão a misericordia divina em favor das almas dos que erão finados.

Tendo ardido o palacio em que residia retirara-se Francisco de Moraes para o mosteiro dos Benedictinos, onde forão muitos cidadãos felicita-lo pelo triumpho que conseguira ; outros porém, que não erão nescios nem aduladores, censuravão a conducta fraca e pusillamine de Francisco de Moraes.

— Bemdito e louvado seja o senhor governador, exclamava uma velha envolta em grossa mantilha, ao entrar na igreja acompanhada de outras com o mesmo vestuario ; se não se lembrasse de conferir ao glorioso padre Santo Antonio a patente de capitão a victoria não seria nossa.

— A nossa cidade não podia ser presa de herejes, retorquia outra, pois tem por defensor o milagroso martyr S. Sebastião.

— E S. Januario, nosso patrono, em cujo dia forão os herejes batidos e escravizados, clamava outra com emphase. E' o santo da minha devoção; em seu dia casei-me, recordo-me como se fora hontem, mas já lá se forão mais de quarenta e cinco janeiros ; acrescentava a velha sorrindo.

Depois destas e outras observações identicas ajoelhavão-se as devotas e começavão a rezar horas e horas.

Reunidos nas ruas e praças conversavão e discutião diversos individuos os acontecimentos da invasão estrangeira, assumpto então de todos os discursos e dizeres.

Vião-se na rua Direita, junto á igreja da Cruz, entre outros, dous homens que se occupavão em referir o que se dera na cidade.

Erão o padre Luiz da Motta e o mercador Gaspar Soares, cuja casa havia sido incendiada.

— Malditos francezes, dizia o padre, levárão uma lição, julgavão que vinhão escravisar-nos, mas sahio-lhes ás avessas o negocio.

— Sim, redarguiu Gaspar Soares, porém depois de haverem causado tantos damnos, tantos males que se podião ter evitado.

— Dispoz o senhor governador a defeza, acrescentou o padre, com deligencia e tino, e por isso não lográão os inimigos o gizado plano, ficárão prisioneiros e mortos, e prisioneiro ficou o seu commandante.

— Ah; ah, exclamou o mercador estralejando uma gargalhada, qual tino, nem diligencia, senhor padre; para repellir inimigo tão inepto não precisava soffrer o que padecemos; tivemos muitos feridos e mortos, destruidos e incendiados alguns edificios, e profanados os templos.

— Mas deveis attender que os herejes chegarão repentinamente.

— S. Sebastião nos valha! Antes de entrar na cidade teve o inimigo de percorrer caminhos perigosos, atravessar valles, e desfiladeiros onde facilmente podia ser debellado; mas que fizerão os destacamentos mandados em sua perseguição; em sete dias de marcha não dispararão um tiro!

— A gloria de um general, Sr. Gaspar Soares, está no bom resultado dos feitos militares; quiz o governador attrahir o inimigo ao centro da cidade para esmagá-lo completamente como o fez.

— Não creio, meu padre; maldito seja o governador que foi causa de minha mulher morrer queimada e de meu filho ficar gra-

vemente ferido, além das casas e dos cabe-  
daes que o incendio da alfandega devo-  
rou-me. Ora diga-me porque enviou o go-  
vernador ao mestre de campo João de Paiva  
para a praia Vermelha, que se achava assaz  
fortificada, afastando-o do posto em que podia  
resistir convenientemente ao inimigo; pois  
não foi inepto em acreditar que havendo  
descido o morro do Desterro deixarião os  
francezes de entrar na cidade para irem to-  
mar aquella fortaleza!

— Não discuto os planos do Sr. Francisco  
de Castro de Moraes, o que sei é que a victo-  
ria foi completa.

— Não pelo que fez esse nosso governa-  
dor e capitão general; que se não moveu do  
acampamento nem quando o inimigo pas-  
sou-lhe quasi pela barba; limitou-se em  
mandar á rua Direita o seu irmão que mor-  
reu combatendo pela patria e pelo rei. Sr.  
reverendo, accrescentou o mercador toman-  
do um ar mui grave, sobre a lapide do se-  
pulcro que se abriu para receber o cadaver  
de Gregorio de Castro ha de lavrar-se o juizo

da posteridade, que dirá « o morto que aqui dorme foi um heroe, mas seu irmão um covarde ! »

— Fallai baixo, Sr. Gaspar Soares, estaes resentido porque perdestes vossa mulher e bens.

— São muitos os que soffrêrão pela inepecia e fraqueza do nosso governador. Não vos recordaes de Francisco da Costa casado com a filha do capitão Luiz Lopes de Carvalho?

— Sei.

— Pois pereceu na explosão da polvora, na alfandega, e se não achou mais o seu cadaver (1). Como ficou a familia desse pobre militar !

A viuva que vá pedir uma esmola a Francisco de Castro de Moraes !

— Talvez obtenha uma tença.

— Ah, ah, exclamou o mercador abrindo os dentes ao riso, as recompensas hão de ser para o governador que se declarou vencedor depois de ver o inimigo recluso no trapiche !

---

(1) Historico.)

— Valha-me Nossa Senhora e seu Santissimo Filho: não tendes ouvido os elogios dirigidos a Francisco de Moraes, não assististes hontem ao sermão em que o bispo D. Francisco de S. Jeronymo louvou os meritos militares do governador da praça!

— O bispo, o qualificador do santo officio que regosija-se em remetter para os carceres e fogueiras da inquisição os innocentes julgando-os culpados e sacrilegos, póde tambem chamar valentes e destimidos aos fracos e pusillamines!

— A rainha dos anjos vos illumine; de mim creio que muito fez pela defeza da cidade o nosso governador ajudado por Deus e pelos milagrosos santos S. Sebastião, S. Antonio e S. Januario, protectores celestes deste povo.

— Dizei, antes Sr. reverendo, que foi Deus Nosso Senhor, quem nos valeu, e tambem os gloriosos santos que nomeastes, que quanto a Francisco de Moraes nada fez em serviço de el-rei nosso senhor e do paiz.

— Mas como está o vosso filho, pergun-

tou-lhe o padre para desviar o mercador do fio que a conversa ia tomando.

— Vae muito mal, dizem ; quereis vê-lo?

— Onde está?

— No convento de Santo Antonio.

— Vamos e esperae em Deus que o rapaz ha de sarar.

— Seja de um anjo o seu dizer, meu padre.

E ambos, o mercador e o padre Luiz da Motta, dirigirão-se para o convento de Santo Antonio.





## VIII.

GASPAR SOARES.

Os feridos em combate havião sido remetidos para o hospital da Misericordia, e para a enfermaria que os padres capuchos estabelecerão em seu convento.

Offerecera-se frei Fabiano ao governador para durante a invasão inimiga, pensar os contusos e feridos, e absolver os agonisantes; e em todos os combates que se derão no memoravel dia 19 de setembro de 1710 vio-se entre os guerreiros, esse frade assiduo, diligente, incansavel, a percorrer as fileiras, e sem attender aos perigos, aproximar-se dos feridos e moribundos que cahião, applicar-se apparelhos, administrar-lhes remedios, consolar, absolver os agonisantes. Apparecera em todos os lugares onde forão necessarios seus soccorros; na lagôa da Sentinella, na descida do morro do Desterro, na rua Direita, em frente ao palacio do governador, e em

outros lugares em que travarão os francezes combate com os nossos, apresentara-se o frade leigo, acudindo ao primeiro gemido, ao primeiro ai soltado pelos feridos ou pelos moribundos.

— Frei Fabiano, murmurava o guerreiro ao cahir lavado em sangue, que se espadava da ferida aberta pelas partasanas ; e repentinamente assomava ao seu lado a figura placida e serena do virtuoso enfermeiro do convento.

Tendo sido ferido o filho do mercador Gaspar Soares fizera-lhe frei Fabiano os primeiros curativos, e depois enviara-o á enfermaria do convento, onde encerrara-se logo que forão dispensados seus serviços junto ás fileiras dos soldados.

Chegãdo á portaria do convento declararão o mercador e o padre Luiz da Motta ao porteiro que desejavão fallar a frei Fabiano ; o porteiro participou ao guardião, e ambos forão admittidos no recinto do claustro. Ao avistar o frade enfermeiro perguntou-lhe Gaspar Soares :

— Como vae meu filho?

— Pouco melhor, murmurou frei Fabiano em voz dubia como receioso de dizer a verdade ao pai.

— Posso vê-lo?

— Seria melhor não entrar, acrescentou o leigo.

— Pelo que?

— Póde o moço ter alguma emoção que lhê seja fatal,

— E' certo, redarguiu o padre Luiz da Motta.

— Está elle mal?

O frade esfregou uma das mãos na palma da outra, e não respondeu.

— Dizei, dizei, meu padre, repetio Gaspar Soares.

Nesse momento chamárão da enfermaria por frei Fabiano, e logo que o frade entrou, seguirão-no o mercador e o padre Motta.

Chegando o mercador ao leito do filho, abriu este os olhos que conservara fechados, mas tinha-os fixos e empanados, e repentinamente, como se só esperasse pela vinda

do pai, estirou os membros, fez uma contorsão com os musculos da face, gargarejou um gemido e pereceu.

O pai deu grito e cahio desfallecido ; frei Fabiano e o padre Motta suspenderão-no, derão-lhe alguns excitantes a cheirar que acordárão-no do deliquio ; lavavão-lhe as lagrimas o rosto e suffocavão-no os soluços. Luiz da Motta afastou-o da enfermária, apoiando-se o mercador no braço do padre.

— Perdi minha mulher, murmurava Gaspar Soares, meus thesouros e meu filho, o arrimo da minha velhice ; e pelo que!... por não apressar-se o governador em defender a cidade. Ah... hei de vingar-me.

— Resignai-vos, Sr. Soares, e pedi a Deus pelas almas desses entes que no mundo forão tanto do vosso coração.

— Hei de orar a Deus por elles, meu padre, e pedir-lhe que dê-me occasião de vingar-me de quem foi causa desses meus afflictivos males.

— Deus não favorece o desejo de vingança, meu amigo, acrescentou o padre.

Continuou o mercador a lastimar-se e a praguejar contra Francisco de Moraes até entrar em casa muito prostrado e commovido.



IX.

A ENTREVISTA.

Entre os feridos recolhidos á enfermaria do convento estava Frederico, que fôra um dos que mais se distinguira pelejando contra os francezes. Na lagôa da Sentinella ao lado dos estudantes de Bento do Amaral Grugel, no morro do Desterro entre os paisanos do frade trino Francisco de Menezes, na rua Direita . ainda com a companhia de Bento do Amaral combatera Frederico com denodo e valentia; erão certos seus golpes, e ia sua coragem até á temeridade, pois quando Antonio Dutra penetrou no trapiche quiz Frederico acompanhá-lo, e se o não fez foi porque o deteve um dos companheiros do valente guerreiro Bento do Amaral:

Deixara Duclerc no morro do Desterro um destacamento que, penetrando mais tarde na cidade, julgou poder saqueá-la, mas foi perseguido e posto em debandada pelos habi-



tantes; tentarão porém alguns soldados invadir diversas casas, entre outras a do juiz de fóra Fortes de Bustamante.

Com a espada em punho correu Frederico em socorro dessa habitação, travou combate com tres adversarios; ligeiro e valente aparava os golpes dos inimigos, e depois de muito pelejar conseguiu matar a dous; continuou a luta com o terceiro, mas recebendo uma forte cutilada na cabeça, cahio desfallecido; o soldado francez fugio.

Dera-se o combate junto á entrada da casa do juiz de fóra, e ficara Frederico estendido na calçada, gotejando-lhe copioso sangue da ferida aberta pela partasana do adversario.

Veio encontra-lo nesse estado o caridoso enfermeiro do convento; reconhecendo-o sentio frei Fabiano grande sobresalto.

— Meu Deus, estará morto, clamou o frade tomando o pulso ao ferido, e applicando o ouvido ao coração; não, o coração bate, e Deus ha de permittir que elle se salve.

Nesse momento atravessarão a rua diversos homens do povo, frei Fabiano chamou-os,

e pedio-lhes que levassem o ferido para a enfermaria do convento ; um delles tirou dos hombros o seu capote, estendeu-o no chão, e, envolvendo nelle o ferido, carregou-o ajudado pelos companheiros até ao leito da enfermaria.

Frei Fabiano se não afastou mais do leito de Frederico; tornou-se desvellado e cuidadoso como sabia sê-lo ao lado dos doentes ; applicou-lhe as ataduras necessarias sobre o ferimento, e administrou-lhe remedios.

Decorridos alguns instantes Frederico abriu os olhos, encarou no frade, tomou-lhe a mão e levando-a aos labios beijou-a.

Expandio-se de alegria o rosto do humilde leigo, que erguendo os olhos ao céu murmurou :

— Mercês, meu Deus.

O doente melhorou de dia para dia, renascêrão-lhe as côres, restaurarão-se-lhe as forças ; e frei Fabiano cada vez mais satisfeito por haver salvado o seu amigo.

E' a caridade o sentimento mais bello que

Deus ensinou aos homens; dos raios da luz divina é o que mais brilha; quem a exercita pratica uma virtude porque todos os sentimentos de Deus são virtudes; os homens assemelham-se aos anjos quando são caridosos, e transformam-se as mulheres em santas quando também sabem sê-lo.

Tendo havido muitos contusos e feridos, portuguezes e francezes, nos combates do dia 19 de setembro, sentio-se falta de fios e ataduras para os curativos; então tratárão as mães, as mulheres, as irmãs, as filhas daquelles que havião pelejado, de preparar fios e ataduras que ião levar ás enfermarias.

A mulher e a filha de Fortes de Bustamante prestárão-se também a esse caritativo serviço, desfiárão pannos, preparárão ataduras, e dirigirão-se com o que havião feito á enfermaria do convento dos Franciscanos, onde sabião que havia alguns feridos, e achava-se Frederico que com tanto valor defendera a casa de seu marido e seu pai.

Depois de fazerem oração na igreja forão admittidas na enfermaria por haverem manifestado desejo de visitar Frederico.

Thereza e Frederico logo se avistárão; e aproveitando-se de estar sua mãe em conversa com um doente, aproximou-se Thereza do leito do seu amante.

Frederico animou-se, brilhárão-lhe os olhos, e procurou erguer-se.

— Ficai tranquillo, disse-lhe Thereza, talvez vos não convenhão esses movimentos.

— Oh, como sou feliz, murmurou Frederico.

— Já sabeis... acrescentou Thereza voltando os olhos em redor de si para vêr se a executavão.

— Que ? dizei.

— Gregorio de Castro....

— Acabae.

— E' morto.

— Ah.

— E assim.

— E assim, repetio o moço erguendo-se.

— Desappareceu esse obstaculo, e talvez julgue meu pai que, tendo vós defendido heroicamente á nossa casa, sejais digno... E o rubor tingio-lhe as faces e impedio-a de continuar.

— Viestes, retorquiu Frederico em tom vehemente e apaixonado, trazer-me a esperança e a vida; vivirei para amar-vos muito e sempre. E vós, dizei-me, jurai-me que vivirá em vosso coração o meu amor?

Thereza abaixou os olhos, corou, e tremula balbuciou :—Juro.

Neste momento aproximou-se a mãe de Thereza que, depois de cumprimentar a Frederico, e de agradecer o serviço que o moço prestara á sua familia, sahio com sua filha da enfermaria.

Frederico ficou em um estado de agitação excessiva, não via o que se passava em redor de si, não percebeu que frei Fabiano estava junto de seu leito, e enlevado, arrebatado pela paixão, exclamou.

— Ah, hei de ser feliz porque ella jurou amar-me, e os anjos jurão pelos labios de Deus.

Ouvindo-o frei Fabiano abaixou os olhos, deixou pender os braços e murmurou.

— Assim seja.

X.

FRANCISCO DE MORAES.

O filho do mercador Gaspar Soares foi sepultado na claustura do convento; frei Fabiano acompanhou-o até o leito em que se vai dormir o somno do qual só se desperta na eternidade; e junto desse jazigo vinha o velho mercador orar e derramar lagrimas quasi todos os dias.

A mãe de Thereza censurou-a por haver se approximado so do leito de Frederico, cujo amor ella e seu marido já havião comprehendido; irado mostrou-se Fortes de Bustamante quando soube do que a filha fizera, reprehendeu-a e declarou-lhe que de nenhum modo consentiria que ella se casasse com um mercador; e que se não esquecesse essa paixão a enviaria á professar em um dos conventos de Lisboa.

Era naquelles tempos a ameaça mais frequente que os pais fazião ás filhas quando

estas se não sujeitavam a seus caprichos, despotismo, ou á seus calculos de interesse e ambição; outros, arrastados por um excessivo zelo religioso ou por temor á inquisição afastavam de si ás filhas, que lá ião finar-se nas clausuras de Portugal, Hespanha e Italia, roubando á patria mãis de familia e despedaçando corações cheios de vida e amor.

Durou esse costume até o tempo do marquez de Pombal, que, além de outras providencias que tornarão grata aos brasileiros sua governação, não foi somenos a que prohibio aos pais enviarem ás filhas, por idéas de egoismo ou superstição, para os conventos do velho mundo.

Se os instantes que passara junto de Frederico, se as palavras que lhe ouvira derramárão ineffavel contentamento em seu coração, causárão-lhe as expressões acerbas de seu pai profundo pesar; afficta e chorosa recolheu-se Thereza ao seu aposento, onde com o coração magoado entregou-se a sentidas cogitações.

Abalado pela agitação que experimentara cahio Frederico em um estado grave, appareceu-lhe uma febre continua, tomárão as feridas um aspecto máo, e sobrevierão contracções nervosas e delirio. Frei Fabiano tornou-se infatigavel, applicava já um remedio, já outro, consultava os principaes cirurgiões da cidade, velava dia e noite junto ao leito do doente, e alguns momentos em que se ausentava, passava-os ajoelhado diante do oratorio, que tinha em sua cella, á implorar o auxilio divino para o filho de Lucia.

Em um dos dias tomou a febre traumatica um character mais desesperado, recrudescceu, e tornou-se o delirio mais forte e frequente. Examinando o doente declarou o cirurgião Estevão Ribeiro que era melindroso e mui grave o seu estado, e, se com as applicações feitas recentemente não experimentasse melhoras, era inevitavel a morte.

Ao ouvir o prognostico do cirurgião commoveu-se profundamente e affligio-se frei Fabiano; vinte vezes aproximou-se do doen-



te para examinar-lhe o pulso, e vinte vezes correu á cella para ajoelhar-se em frente do seu oratorio. Mas peiorava o doente e vendo que poucos momentos restavão-lhe de vida, tomou o leigo uma resolução desesperada; correu á botica do convento, trouxe um vidrinho que continha um narcotico cujo effeito não estava bem conhecido, deitou algumas gottas em um calix com agua, e administrou-as ao doente; ordenou aos que se achavão junto ao leito que se retirassem, e só, ajoelhado aos pés do moribundo, começou a orar.

Elle que salvara a tantos de graves molestias, que operara curas miraculosas pelas quaes appellidavão-no santo, via agora quasi a expirar o seu melhor amigo, o filho querido de Lucia que lhe incumbira que o amparasse e servisse-lhe de pai! O pobre leigo estava succumbido de dôr, e tão perturbado que em suas orações confundião-se continuamente os nomes de Lucia e de Frederico.

Depois de haver permanecido quasi uma

hora nessa inquietação de espirito, ergueu-se o frade, chegou-se ao leito, e vendo que o doente adormecêra, bradou.

— Está salvo.

De feito desde esse dia progredirão as melhoras, e principiou para o doente a convalescença.

No dia em que apresentara Frederico as primeiras melhoras houve no convento grande solemnidade.

Mandara o governador celebrar com excessiva pompa funebre o setimo dia do fallecimento do seu irmão Gregorio de Moraes. Estavão as paredes do templo cobertas de panno negro e ornadas com galões de ouro; no centro do pavimento erguia-se um alto cenotaphio, onde vião-se sobre a eça a espada e cota d'armas do finado guerreiro; diversos sacerdotes revestidos de paramentos funebres cantavão psalmos e orações de requie junto ao altar; outros thurificavão o catafalco. Achavão-se presentes o governador, o bispo D. Francisco de S. Jeronymo, o cabido, todas as confrarias e ordens reli-

gias, o senado da camara, a nobreza e povo. Subio ao pulpito o franciscano frei José dos Anjos, e balanceou o thuribulo da lisonja engrandecendo os meritos do morto, e o tino e valentia militar do governador, seu irmão; o mesmo fizerão os poetas cujos cantos incensarão mais as virtudes, o valor e gloria do governador do que os brios guerreiros do irmão fallecido!

Tratou Francisco de Moraes de participar á côrte o que fizera pela defeza da capitania; pediu á camara que tambem o fizesse, e apressou-se a municipalidade em representar a el-rei louvando o valor e singular disposição com que acudira o governador contra o inimigo.

Tendo a protecção de seu tio o padre José de Castro, reitor do collegio de Santo Antão dos jesuitas em Lisboa, e valido de el-rei, conseguiu Francisco de Castro de Moraes o que almejava; elogiou-lhe o rei o valor e tino e agraciou-o com uma commenda,

Na côrte do beato rei D. João V era facil aos sobrinhos dos padres e frades terem mer-

cês honorificas, ainda quando os meritos daquelles erão tão problematicos e negativos como os do sobrinho do reitor José de Castro.

Entretanto festejava-se no Rio de Janeiro a derrota e capitulação de Duclerc; fazião-se solemnidades publicas, representavão-se comedias no theatro do padre Ventura, corrião-se cavalhadas, erguião-se coretos de musica, celebravão-se dansas, procissões, missas e *Te-Deums*; o abbade dos benedictinos, frei José de Santa Catharina, solemnizou a victoria dos portuguezes em pomposa festividade, na qual orou o distincto monge frei Matheus da Incarnação Pina, que vestira o habito ha sete annos; os jesuitas, em accção de graças pelo mesmo motivo, cantarão hymnos, e nessas solemnidades religiosas vio-se occupar o pulpito o celebrisado jesuita Prudencio do Amaral, nascido no Rio de Janeiro em 1675, nótavel theologo, litterato e poeta.

O dia 19 de setembro em que a igreja reza de S. Januario, e em que os francezes forão

vencidos, foi declarado dia santo e de guarda perpetuamente para os moradores da cidade, com a obrigação de ouvirem missa.

## XI

### DUCLERC

Achando-se no collegio dos jesuitas conseguiu Duclerc permissão de retirar de bordo diversos objectos de seu uso, assim como de vender uma balandra que viera na flotilha que o conduzira á America. Como havia poucos cirurgiões na cidade permitio-se tambem o desembarque de alguns cirurgiões francezes para ajudarem no curativo dos feridos.

Depois de residir algum tempo no collegio dos padres da companhia, concedeu o governador ao general francez a faculdade de alugar uma casa para moradia, e de passear na cidade com sentinella á vista. Aproveitando-se desse indulto alugou Duclerc casa em uma das principaes ruas da cidade, e em breve travou relações com muitas familias.

A casa de Fortes de Bustamante foi uma das primeiras em que o general francez encontrou generoso acolhimento, e ao apresentarem-no á filha do juiz de fóra sentio-se Francisco Duclerc impressionado, e pareceu expandir-se seu peito enlevado por um sentimento de admiração; repetio suas visitas e no fim de um ou dous mezes reconheceu que Cupido com seus dedos, que são settas, abrira-lhe o coração ao amor. Duclerc amou a filha de Fortes de Bustamante.

Conheceu o juiz de fóra que a belleza de sua filha não passara desaperccebida ao general francez, e como mais de uma vez mencionara este a genealogia illustre de sua familia, e os cabedaes que possuia em França, e tambem a inteira esperança que tinha de breve ver-se libertado e restituído á patria, abafou em seu peito Fortes de Bustamante, sempre egoista e vaidoso, o pundonor e brios nacionaes, e começou se não a favorecer, ao menos a não embarçar a affeição que Duclerc manifestara por The-reza.

Mas mostrava-se Thereza indifferente aos carinhos e afagos do general francez, e até lhe não deixava de causar estranheza o agrado com que seu pai recebia em sua casa a um inimigo da patria, em quanto desprezava a Frederico por ser um pobre mercador, esquecido do serviço que este lhe prestara, defendendo com tanta galhardia sua vida e bens.

Soube Frederico das quotidianas visitas de Francisco Duclerc á casa do juiz de fóra e tambem murmurárão-lhe aos ouvidos que o general francez tencionava casar com a filha do presidente da camara.

Começou a correr pela cidade esse boato, e tambem a nova de que breve viria uma esquadra franceza vingar a derrota e libertar Duclerc e seus companheiros.

Era um novo rival que se apresentava ao filho de Lucia para contraria-lo, e rival poderoso que o fez enraivecer e entornou-lhe no coração o veneno do ciume.

Indo visitar a frei Fabiano disse-lhe Frederico irritado.



— Corre, meu padre, que o general francez é o noivo da filha de Fortes de Bustamante.

— O glorioso padre Santo Antonio me illumine, pois, não percebo como o juiz de fóra acha tão facilmente noivos para a filha; se morre nm elle levanta ontro do pó das ruas. E D. Thereza de Bustamante ama e quer por esposo esse forasteiro?

— Tem-lhe odio, mas o pai não cogita na felicidade da filha; Duclerc é rico, dizem, e de nobre estirpe, e isso satisfaz á vaidade e egoismo de Bustamante.

— Ainda não creio, meu filho, acrescentou frei Fabiano, nesse enlace; o juiz de fóra ha de respeitar o decoro nacional, não ha de esposar sua filha com um inimigo, que veio insultar-nos em nossos proprios lares.

— E' certamente uma infamia digna de vingança.

— Não, redarguiu o leigo com calma, mas é um acto inconveniente e deshonoroso.

— Meu padre, Duclerc não é só meu rival, é tambem meu inimigo, bradou Frederico.

— Mas inimigo que deve ser respeitado, porque está prisioneiro sob a protecção do estandarte, que tem por emblema as chagas de Christo.

Frederico encarou no frade leigo que com suaves conselhos continuou a tranquillizar-lhe o animo, e abafar-lhe o ciume.

Entretanto procedia Duclerc de um modo inconveniente, não cessava de repetir que fôra atraído, maltratado, que menosprezavão-o vigiando-o com sentinella á vista, que não tinha liberdade nem garantias apesar de haver deposto sua espada e rendido-se á discricção, e bradava que breve chegaria nova expedição para vingá-lo e restaurar o nome francez escarnecido e vilipendiado pelos nossos.

Viéra com elle um frade carmelita, homem violento e exaltado, que, insuflado pelo general francez, começou a clamar contra a corrupção dos costumes, a predizer castigos celestes contra o povo que, credulo e receioso, foi-lhe dando ouvidos, e em breve era o frade tido por profeta, o que quer dizer

que adquirio decidida preponderancia sobre a plebe rude e fanatica.

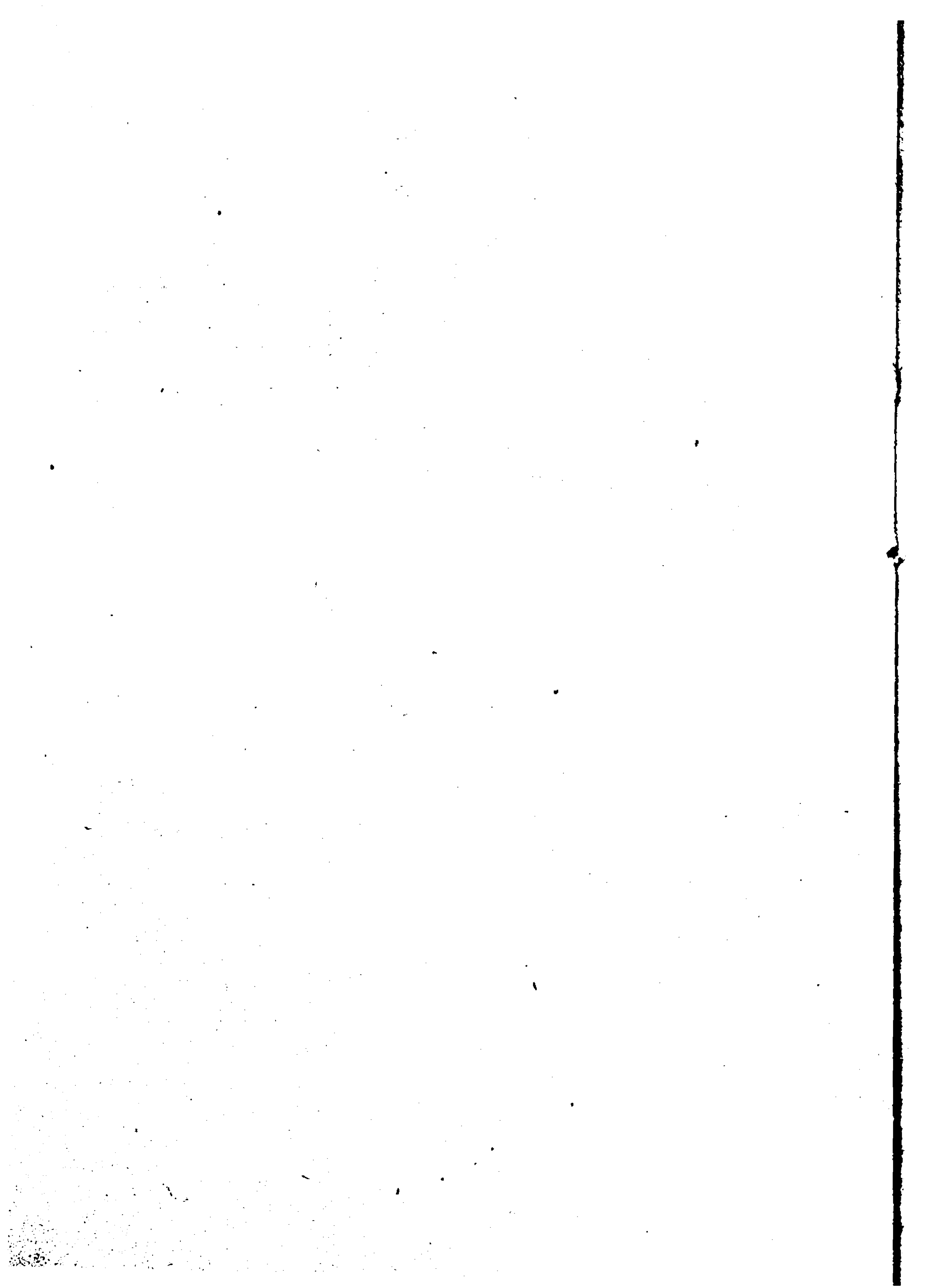
O modo violento em que se exprimia o general francez, o receio que sua presença causava na cidade, a inquietação em que trazia os animos assustando-os com recentes invasões; a linguagem violenta de frei Cosme, a sua pregação vehemente e fanatica levárão Francisco de Castro de Moraes a representar a el-rei pedindo-lhe que retirasse da capitania não só a Duclerc, como áquelle frade carmelita. Mas crescendo-lhe o temor que tinha do general inimigo, apezar de vencido e preso, por correr geralmente na cidade o boato da vinda mui proxima de nova esquadra inimiga, e demorando-se a resposta do soberano, lembrou-se Francisco de Moraes de executar um plano atroz para mais depressa desembaraçar-se do inimigo vencido.

Propalara-se que o general francez, abusando da hospitalidade que recebera em casa de um pobre homem, chamado Muniz de Albuquerque, ultrajara a honra de uma donzella.

Julgou Francisco de Moraes que o irmão dessa infeliz podia servir de instrumento para executar suas sinistras intenções; de feito resolveu escrever-lhe pedindo-lhe que viesse a palacio para insinar-lhe a vingar-se dos seductores, como era o general Duclerc; mas depois de haver escripto deitou o papel na secretaria, julgando mais judicioso e prudente mandar vir a palacio o offendido, e dizer-lhe qual o seu intento. Assim fez.

Compareceu Muniz de Albuquerque, e depois de longa conferencia com o governador Francisco de Moraes, sahio do palacio acompanhado de um soldado do regimento velho.

Na noite do dia seguinte, em 18 de março de 1711, entrárão dous rebuçados na casa em que residia Francisco Duclerc, e assassinarão-no sem que se oppuzessem as sentinellas que vigiavão-no.



## XII

### A JUSTIÇA DE FRANCISCO DE MORAES

No dia seguinte Duclerc foi sepultado na capella funda de S. Pedro na igreja da Candelaria.

Logo que divulgou-se este assassinio tocou-se a rebate sobre o caso; fizeram-se milhares de conjecturas; dizião uns que o general francez fora morto por ordem dos jesuitas, outros pelos seus compatriotas por não haver mostrado plano nem energia no ataque da cidade; estes lembravão o nome de Francisco de Moraes, como o autor do crime, o qual desse modo se quiz livrar de inimigo tão inquieto e turbulento; aquelles, scientes da infame accção praticada contra a irmã de Muniz de Albuquerque, mencionavão o nome desse homem como o do autor do assassinio; porem o boato mais geral era que Duclerc havia sido victima do ciume de Frederico.

Fingiu-se Francisco de Castro surpreso quando refirirão-lhe a noticia da morte do general francez, e movendo a justiça da capitania, prometteu castigar severamente o autor e cúmplices de tão nefando crime, perpetrado contra os direitos internacionaes e decoro da nação.

Clamavão as velhas que Duclerc fora victima do demonio que, sem ser visto, penetrara em casa do herege e soffocara-o.

— Já sabe, comadre, dizia uma velha á sua vizinha, morreu o perro judeu, o desbragado francez que veio conquistar-nos a terra.

— Sei, acutilarão-no bem.

— Qual ; aquillo foi obra de Satanaz, as sentinellas não virão entrar nem sahir ninguém, e o herege appareceu morto.

— O anjo Gabriel nos acompanhe, cruz, santissimo seja o nome de Jesus; que cheiro de enxofre se não havia de sentir quando Satanaz entrou naquella habitação.

— Ah ! ah, acrescentou a outra sorrindo, dizem que depois de alto berro exhalara o

demo cheiro de enxofre, e desapparecera, tendo antes espalhado por toda a casa um clarão sinistro; quando entráráo na camara do francez estava o herege morto e estirado no leito.

— Olhe, visinha, Satanaz que levou-lhe a alma, foi porque já a tinha endemoni-nhado; cruz, para longe, repetio a mulher fazendo mais de uma vez o signal da cruz.

— Tambem aquillo não era gente para viver entre christãos, redarguio a outra.

E despedirão-se as vizinhas depois de exorcizarem com sobegidão de palavras ao infernal assassino do general francez.

Desejando afastar de si toda a suspeita sobre o assassinio de Duclerc ordenou Francisco de Castro de Moraes a Muniz de Albuquerque, que podia compromette-lo, que naquella mesma noite se ausentasse da cidade, e simulou exercer excessiva vigilancia para descobrir o autor do nefando crime.

Quanto ao soldado do regimento velho, complice de Muniz, nunca mais foi visto na cidade, nem em terras da capitania, porem,



constou tempos depois, haver sido degradado para as Indias por ordem do governador Moraes.

Fortes de Bustamante vira desvanecerem-se mais uma vez as esperanças de uma feliz alliança para sua filha, e contrariado por isso, e por ver que Frederico persistia firme, resoluta e constante no seu amor por The-reza, ouvindo pronunciar o nome do moço como réo da morte de Duclerc, deu credito a essa baléla, e apressou-se em ir á palacio denuncia-lo como criminoso.

Encontrara Francisco de Moraes uma victima para occultar-se ao crime que mandara praticar ; exultou ao ouvir pronunciar o nome do culpado, e, momentos depois de haver recebido a denuncia, ordenou a prisão de Frederico, que foi lançado em ferros no forte de S. Sebastião.

Instantes depois referião a frei Fabiano a prisão de Frederico accusado de assassino.

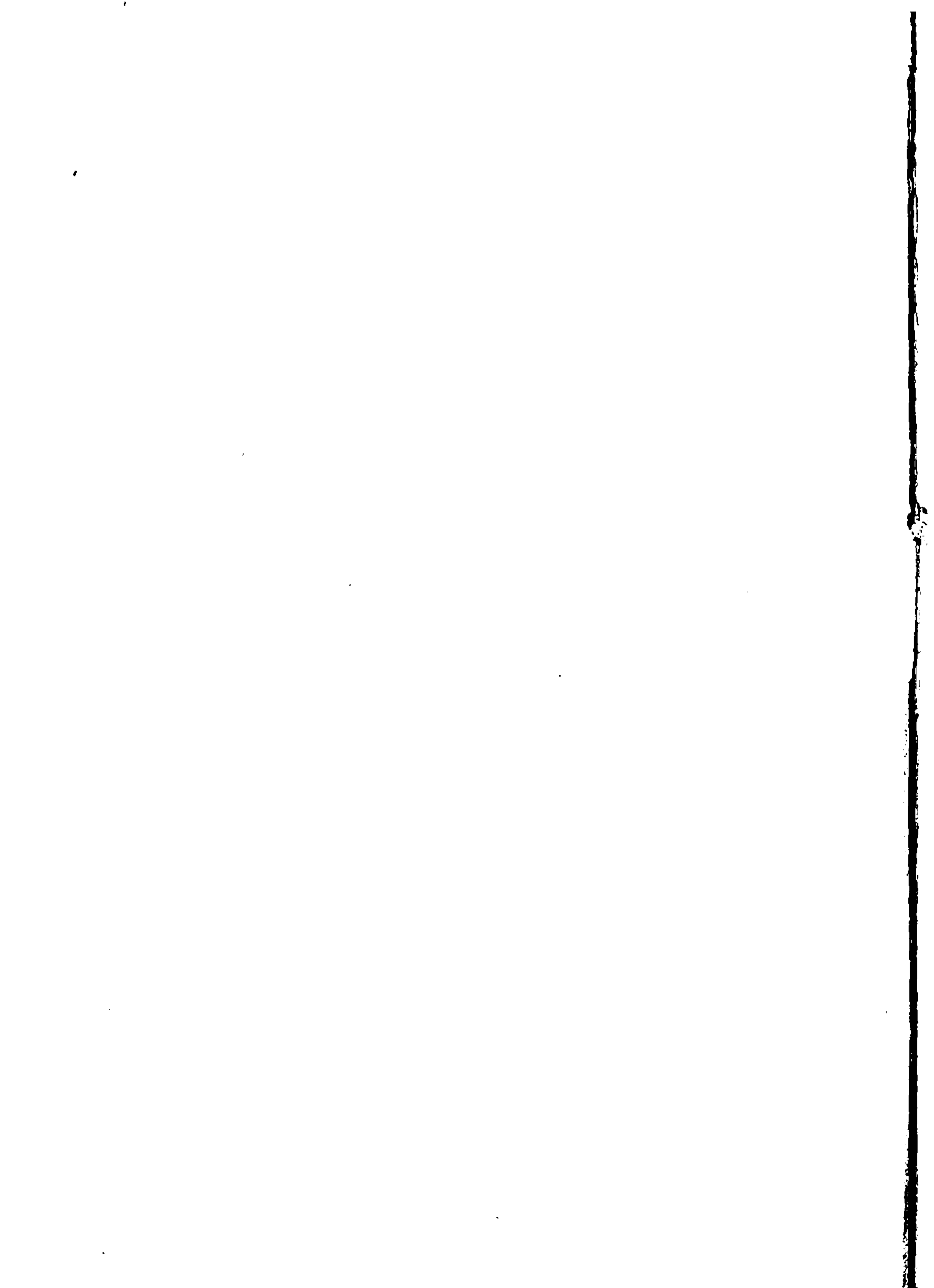
— Não posso crêr, bradou o frade erguendo-se repentinamente do escabelo em que estava sentado.

— São contra elle os indícios ; foi visto embuçado na noite em que se perpetrou o crime em frente á casa do assassinado; dizem que o ciúme armara-lhe o braço....

Lembrou-se então frei Fabiano do que lhe contara Frederico sobre os amores de Duclerc com a filha do juiz de fóra, e succumbido. suffocado de dôr, murmurou.

— Meu Deus, será elle culpado !

As lagrimas assomárão-lhe aos olhos.



### XIII

DUGAY TROUIN

Realizárão-se as ameaças de Duclerc e as profecias do carmelita frei Cosme.

Em 5 de agosto de 1711 avisárão os habitantes de Cabo Frio ao governador do Rio de Janeiro, que se dirigia para o sul uma numerosa armada. Francisco de Moraes chamou os cabos de guerra a seus postos, mandou guarnecer as fortalezas, e patenteou uma actividade e energia que causárão vivo contraste com a ineptia e frouxidão de que déra provas um anno antes. Porém cedo esmoreceu, julgou conjurado o perigo e descansou, abandonou o que fizera, e adormeceu ao som dos elogios que lhe votavão pela destreza e tino com que providenciara a defensão da cidade. O perigo porém era imminente; em 12 de setembro, dia chuvoso e de denso nevoeiro, assomárão á barra os navios francezes; curta resistencia fizerão-lhe as fortalezas, e penetrando no porto não en-

contrárão embarcações á combater, porque apressara-se Gaspar da Costa em lançar fogo a quatro náos e duas fragatas sob seu commando, escapando das chammas um unico navio que os inimigos tomárão-lh'o.

As fortalezas havião emmudecido, e a unica que podia resistir, por ser-lhe facil receber auxilio de terra, a de Villaignon, teve tambem de cessar o fogo por causa de uma explosão no paiol da polvora, de que resultou a morte de dous capitães, dos quaes um era filho de Gregorio de Castro, e sobrinho do governador.

Abandonada por ordem de Francisco de Moraes a fortaleza da ilha das Cobras foi occupada pelo inimigo, que desse ponto causou grande damno á cidade, e especialmente ao mosteiro dos Benedictinos.

No dia seguinte desembarcárão os francezes na praia do Valongo, assenhoreárão-se de alguns montes que dominão a cidade, e forão estabelecer no palacio do bispo, no morro da Conceição, o seu quartel general.

Entretanto impassivel e quedo conservava-se Francisco de Moraes no campo do

Rosario, permittia ao inimigo o desembarque, a conquista dos pontos mais salientes, e se não animava a sahir-lhe ao encontro e pelejar em defeza da capitania, cujo governador era. Vendo-o quedar-se naquelle ponto quizerão os francezes cortar-lhe a retaguarda pela lagoa da Sentinella, mas o não fizerão impossibilitados pelos mangues e pantanos que se estendião nas circumvizinhanças da quella lagoa.

Todas as fortalezas se tinham rendido ao inimigo, excepto a de S. Sebastião, mas intimando-lhe Dugay-Trouin prompta rendição, capitulou abatendo covardemente o estandarte da patria para erguer o pavilhão estrangeiro.

Julgárão-se os habitantes sem segurança, e resolutos a fugir, incendiárão uma não e duas fragatas ancoradas junto ao morro de S. Bento, assim como diversos trapiches e armazens da cidade. Em vão procurárão alguns valentes cabos de guerra animar o povo, e em vão offerecerão-se para atacar o inimigo; recusara-os Francisco de Castro dizendo :

— Aqui o aguardo, aqui o espero, não convem por agora afastar-nos de nosso posto.

Bradava inutilmente Bento do Amaral aos que fugião abandonando suas habitações.

— Saibamos morrer, não esperemos que o inimigo nos provoque, corramos a buscá-lo, travemos peleja; a morte é nosso fim certo, mas vendamo-la caro, e vinguemos a honra da patria violada por piratas.

Enviando o general francez um tambor a Francisco de Castro para que entregasse a praça á mercê de el-rei de França, respondeu Moraes.

— Nunca; e dissei ao vosso general que a defenderei até a ultima gotta de meu sangue.

Mas quedou-se, se não moveu do acampamento, e em vez de pelejar convocou um conselho de officiaes, em que se decidiu, contra o voto de briosos guerreiros, que se abandonasse a cidade.

De feito na noite de domingo, 21 de setembro, fugio o governador acceleradamente

para a fazenda dos jesuitas no Engenho Novo. A sua fuga precipitada alarmou o povo, abateu-lhe os animos, e incutio-lhe infundo terror; tornou-se geral o panico, e excessiva a confusão.

Tendo recebido a resposta de Francisco de Castro mandara Dugay-Trouin bombardear a cidade.

Era uma hora da noite; a chuva cahia em torrentes, repetião-se amiudadamente os trovões, alumiavão com seu clarão fugaz a escuridade da noite os continuos relampagos, e o clarão sinistro e medonho da artilheria inimiga; o povo corria apavorado, estrugião os gritos, os lamentos, os ais, os chôros dos fugitivos. Alli via-se uma moça que cahia exanime; alli perecia uma creança afogada; acolá ouvia-se o estertôr da morte no peito de um velho que succumbia de frio e terror; mais perto ouvião-se os gemidos de outras victimas que desfallecião de cansaço; adiante perdião-se uo espaço os ais de muitos que as balas inimigas havião alcançado; as filhas bradavão por seus pais, as creanças choravão por suas mãis, as irmãs



pelos irmãos, as mulheres pelos maridos, os pais pelos filhos, os parentes e amigos pelos parentes e amigos; as mãis morrião abraçadas com seus filhos. Vendo desfallecer sua mãe e irmã quedou-se um menino junto dellas até o dia seguinte em que, sendo encontrado, perguntárão-lhe que fazia.

—Estava esperando, respondeu a creança, que minha mãe e minha irmã acordassem. (\*)

Às duas horas da tarde do dia seguinte entrou o inimigo na cidade que achou abandonada, e os soldados dissolutos e desenfreados saqueárão as casas, profanárão o lar domestico, invadirão e roubárão as igrejas, delapidárão e matárão os poucos cidadãos que havião restado em seus lares.

Tornou-se tal o excesso de cobiça e a selvaticueza dos soldados; que ordenou Dugay-Trouin a suspensão do saque, mandou collocar sentinellas, corpos avançados e patrulhas em diversos pontos, prendeu os que se havião exedido no roubo, e arcabuzou dezoito soldados por haverem commettido violencias e crimes contra os moradores da cidade.

---

(\*) Historico

Escreveu a Francisco de Castro que arrastaria a cidade se não cuidasse de resgatá-la, e para provar que achava-se disposto a executar a sua ameaça, mandou duas companhias de granadeiros devastar e queimar todas as casas de campo na circumvisinhança de meia legua da cidade.

Partirão os granadeiros mas encontraram quem os detivesse ; Bento do Amaral Gurgel, com alguns guerreiros corajosos e destemidos, resistio aos francezes, repelli-os, mas, quando já era sua a victoria, uma bala inimiga acertou-lhe no cranco, o denodado guerreiro agitou-se no cavallo, quiz susterse, vacillou e cahio exanime. Levaram sua espada e seu ginete a Dugay-Trouin, que recebendo esses troféos elogiou a valentia desse cabo de guerra, que ousara medir suas armas contra o inimigo, já senhor da terra que viera conquistar.

Bento do Amaral foi sepultado em uma das igrejas da cidade, por cuja defeza dera a vida, deixando gravado seu nome nas paginas da historia patria ; em carta de 7 de abril de 1713 agradeceu el-rei aos descen-

dentes do valente guerreiro os serviços que este prestara á nação.

Apressou-se Francisco de Castro de Moraes em ajustar o resgate da praça ; encarregou disso, sem ouvir a camara, ao jesuita Antonio Cordeiro, ao juiz de fóra Fortes de Bustamante e ao mestre de campo João de Paiva. Pedirão a principio os francezes 12 milhões, mas essa excessiva somma foi reduzida a seiscentos e dez mil cruzados, e mais duzentos bois e cem caixas de asucar.

Havendo recebido o ultimo pagamento em 4 de novembro, fizeram-se os francezes de vela no dia 13, conduzindo em suas embarcações valiosas quantias extorquidas ao estado e ao povo.

Na esquadra de Dugay-Trouin tiverão passagem José Gomes da Silva, seus filhos e mais de cem christãos novos, que destinados pelos agentes do santo officio aos carceres e fogueiras da inquisição, escapárão acobertados pelo pavilhão de el-rei de França. Evitou ao menos Dugay-Trouin o espectaculo ao povo de Lisboa de alguns autos de fé, de

procissões de penitentes, que sahião das prisões do santo officio para as fogueiras com tochas de cera verde nas mãos e revestidos de samarra e carocha.

Mas não chegou o almirante francez á Europa com os thesouros, que accumulara na conquista e saque do Rio de Janeiro ; ventos contrarios e violentos separarão seus navios, desarvorarão alguns, e levárão muitos ao abismo do mar, onde desappareceu o melhor das riquezas colhidas por elle e seus soldados na cidade, já mui florescente, fundada por Estacio de Sá.

Vendo sarpar os navios que reconduzião Dugay-Trouin e seus companheiros d'armas á Europa, dizia Gaspar Soares ao padre Luiz da Motta.

— Então, senhor padre, aiuda sustenta que o nosso governador é general de plano e tino estrategico ; não concorda que sua irresolução e covardia, e a fuga rapida, vergonhosa e intempestiva que fez, deixando tudo ao saque, e o povo sem direcção, provârão sua extrema fraqueza e perfidia !

— Senhor Gaspar Soares, redarguiu o pa-

dre, os males que havemos soffrido são castigos do ceo pelos nossos peccados ; se não recorda das profecias de frei Cosme ?

— Frei Cosme era um turbulento e fanatico e nada mais : lá se foi para o velho mundo onde póde continuar a pregar suas homelias e especular com as superstições do pove; mas creia, vossa paternidade, que castigo nosso é termos por governador e general homem tão inerte e poltrão, retorquio o mercador sorrindo e batendo no chão com o bastão que tinha entre mãos.

## XIV

### A ALÇADA

Irritados estavam os animos contra Francisco de Castro de Moraes, todos acusavão-no abertamente, clamavão contra sua inepticia e covardia, chamavão-no de traidor, lançavão-lhe labéos infamantes, insultavão-no se apparecia em publico, appellidavão-no vacca, e negavão-lhe obediencia. (\*)

Vendo a exaltação do povo e a falta de prestigio de Francisco de Moraes a municipalidade o depoz do governo, e indo ao encontro de Antonio de Albuquerque, que se achava em Iguassú em viagem de Minas para o Rio de Janeiro, entregou-lhe a governação da terra.

Pedirão a camara e o povo ao novo governador a prisão de Francisco de Moraes, mas por não ter ordem de el-rei não deferio Antonio de Albuquerque a pretensão do povo e da camara, que immediatamente enviou á

---

(\*) Historico.

Lisboa o seu procurador Antonio Mendanha para participar a el-rei o proceder venal e indigno de Francisco de Moraes, de seus parentes, e de outros cabos de guerra, e pedir-lhe mandasse ministros capazes de averiguar os desconcertos da entrega da praça, para que com toda a severidade se castigassem os culpados della.

Regeu Antonio de Albuquerque a capitania até 24 de junho de 1713, em que foi substituido por Francisco de Tavora.

Ouvio o rei os votos da camara; ordenou ao chanceller da Bahia, Francisco de Mello e Silva, que se dirigisse ao Rio de Janeiro, e tendo por adjunctos diversos desembargadores e juizes, inquirisse sobre a criminosa entrega da praça aos francezes, julgando os culpados na conformidade das leis.

Depois de colligidas as provas e feitos os exames dos factos pela devassa a que se procedeu, sendo os réos perguntados e acareados, condemnarão os ministros da alçada a Francisco de Castro de Moraes em degredo perpetuo e prisão em uma das fortalezas da India, sendo confiscados seus bens;

em degredo perpetuo ao mestre de campo Francisco Xavier de Castro, sobrinho do governador, o qual, havendo abandonado seu posto, se refugiara em Maxambomba; sentenciárão em pena de morte o sargento-mór Antonio Soares por haver entregado indecorosa e covardemente ao inimigo a fortaleza de S. João, cujo era commandante; e em pena de prisão a Christovão Pereira accusado de haver comprado um navio aos francezes, ao capitão Francisco Rodrigues Frade, e a outros officiaes que tiverão perda de postos e mais tarde forão degradados.

Antonio Soares havia se evadido logo que a alçada se reunira, e por isso, lavrada a sentença, foi justicado em estatua, assistindo a esse acto toda a guarnição da fortaleza, assim como a irmandade da Misericordia, o alcaide-mór, meirinhos, pregoeiro, carrasco, o padre, esbirros e outros comparsas dessa lugubre e assustadora cerimonia.

Fiado na veliosa protecção de seu tio o reitor do collegio dos jesuitas em Lisboa, não julgou Francisco de Moraes que fosse grave a pena de sua condemnação, e por isso



se não afastou da cidade, e esperou a decisão da alçada.

Lavrada a sentença ordenou Francisco de Tavora a immediata prisão do réo. Apresentou-se então em palacio um velho acompanhado de diversos cidadãos, e disse ao governador.

— Offereço-me para executar a prisão do traidor Francisco de Moraes.

— Quem sois ; perguntou-lhe Francisco de Tavora.

— O mercador Gaspar Soares.

— Tendes odio a Francisco de Moraes ?

— Excessivo, meu senhor ; por sua inepticia e covardia vi morrer minha mulher nas chammas, meu filho no hospital, e perdidos meus cabedaes ; por sua inepticia e covardia introduzio-se o inimigo duas vezes nesta cidade denominando-a sua, porque o governador largou-a, ou lh'a deu por medo ou por outra razão occulta que só Deus sabe ; por sua inepticia e covardia vio este povo delapidados seus bens, saqueadas suas casas, destruidas suas mercadorias, empobrecidos seus cofres, e profanados seus templos ; por sua

inepcia e covardia ficou este povo duas vezes entregue ao desamparo e a morte, e o que é mais para os brios portuguezes, lançarão-lhe a contumelia de fraco e vencido.

— Sim, bradárão os companheiros de Gaspar Soares, foi um traidor que roubou a fazenda real, e deturpou a nossa fama de fieis e valentes servidores da patria e de el-rei nosso senhor.

Francisco de Tavora encarou fito nessa turba desenfreada que vociferava contra a fraqueza de Francisco de Moraes, e abanando ligeiramente a cabeça entregou a ordem de prisão a Gaspar Soares.

Sem se fazer annunciar, e sem impetrar licença embarafustou Gaspar Soares, seguido dos cidadãos; pela porta da casa de Moraes, e avistando-o disse-lhe :

— Em nome de el-rei nosso senhor estaes preso.

Francisco de Moraes empallideceu, agitou-lhe o corpo uma convulsão repentina, e não pronunciou uma só palavra.

— Conheceis-me, perguntou-lhe com voz arrogante o mercador.

— Muito, senhor Gaspar Soares, retorquiu-lhe Moraes, lançando-lhe um olhar de colera e desprezo.

— Costumo cumprir o que prometto ; chegou o dia da vingança ; não sou como os vis covardes que só sabem locupletar-se renegando á patria e ao rei.

— Senhor Gaspar Soares, clamou iroso Francisco de Moraes.

— Não o temo ; ainda neste braço velho e descarnado ha bastante força para subjugar os covardes, acrescentou o mercador distendendo o braço.

— Cumpri vossa missão, redarguiu Moraes, que talvez um dia os covardes vos ensinem a ser mais comedido.

— Não julgueis, tornou Gaspar sorrindo. que eu me cance em ir á India para desfrontar injurias que me assacarão os galés.

— Degradado para India, murmurou Francisco de Moraes, que até então não tivera noticia do conteudo da sentença.

— E por toda a vida, interrompeu-o o mercador ; seja encerrado nas praças de guerra quem não sabe defende las do inimigo.

— Ah, murmurou Moraes, anniquilado, mas repentinamente como arrependido de mostrar sua fraqueza a um homem do povo, e alem disso lampejando-lhe na mente esperanças risonhas ao recordar-se de seu tio frade, valido do rei, bradou para o mercador.

— Vamos.

Ao apparecer na rua, seguido dos que o havião prendido, foi Francisco de Castro de Moraes insultado e vilipendiado pelo povo; todos vociferavão, de todas as bocas sabião insultos e maldições contra elle.

— Vil traidor, inepto, malvado, pusillanime cabo militar, em vossas mãos depositou o soberano a segurança da praça, a boa fortuna do estado e dos povos e tambem o credito da nação, e vos tornastes indigno de tão alto encargo; ah a justiça dos homens vos condemne, e o céo vos castigue, exclamou um velho militar vendo o ex-governador atravessar preso as ruas da cidade.

Em todas as ruas em que transitou o preso mostrou-se o povo inquieto, amotinado e rancoroso.

Francisco de Moraes achava-se assustado, tremião-lhe as pernas, tinha o rosto empallidido, representando o terror que ia-lhe na alma.

Mais de uma vez foi preciso afastar um braço armado prestes a descarregar-se contra o infeliz, que manchara o nome e brios portuguezes.

Ha tres annos antes este mesmo povo atropetava as ruas para saudar a Francisco de Moraes pela victoria alcançada contra Duclerc ; abrião-se os templos, os sacerdotes cantavão hymnos em louvor de Francisco de Moraes, o povo acompanhava os ministros do altar, entoava hosannas, atirava flores, corria ao palacio, aos divertimentos publicos, ás praças, aos passeios para felicitar a esse homem, que hoje era insultado, ameaçado e coberto de imprecações e maldições !

## XV

### A CONFISSÃO.

Frederico conservava-se preso e incommunicavel.

Como viéra sómente para julgar o procedimento do governador, e dos diversos cabos de guerra durante a segunda invasão dos francezes, delegou a alçada de si o direito de examinar as provas do crime que era attribuido a Frederico; e assim coube ao governador a decisão desse processo. Francisco de Tavora encarregou o corregedor de estudar a questão, e apesar de não haver testemunhas de vista contra o réo, nem provas vehementes do crime, como havia sido preso por accusação de ser o assassino do general francez, mandou o governador conserva-lo em ferros e incommunicavel, em quanto se dava andamento ao processo.

Lastimava-se frei Fabiano por vêr seu amigo lançado em ferros em uma fortaleza,

sem poder vê-lo, nem consola-lo; mais de uma vez se dirigira ao governador implorando a graça de penetrar no carcere de Frederico, mas não fôra attendido; condoia-se da sorte do pobre moço, porém ao mesmo tempo se receava de advogar franca e abertamente sua causa.

— Será Frederico, pensava o frade de si para comsigo, innocente, ou ardendo em ciúme commetteria o crime de que o accusão; se é culpado, se é réo como hei de proclamar sua innocencia, e pedir seu perdão!

A consciencia recta, pura e escrupulosa do frade achava-se em torturas; não devia de ser defensor de um réo, de um assassino; mas tambem devia de quedar-se, cruzar os braços e deixar padecer e morrer o filho querido de Lucia!

Padecia frei Fabiano; cahira em um abatimento que assustava a todos, raras vezes apparecia na enfermaria, vivia recluso na cella manifestando no semblante profunda tristeza pela dôr que torturava-lhe a alma.

A sorte de Frederico affligia e amargura-

va também a Thereza. Elle que lhe dedicara todo seu amor, que sacrificara sua existencia para defendê-la, assim como a seus pais dos ultrajes e violencias dos inimigos, que talvez inflammado em ciume tornara-se assassino, achava-se preso por haver Fortes de Bustamante se apressado em accusa-lo perante o governador! Se Frederico soubesse, scismava Thereza, de onde lhe partira a accusação, quem fôra seu denunciante, não apagaria de seu peito o amor que consagra a filha de seu perseguidor para votar-lhe odio ou desprezo!

Essas cogitações dolorosas trazião-na tremula de afflicção, triste e inconsolavel.

Espalhara-se na cidade que Frederico havia sido condemnado a morte, tendo de subir ao patibulo em frente á casa em que assassinara ao general Duclerc.

Chegou este boato aos ouvidos de frei Fabiano, que experimentou emoção tão subita e vehemente, que virão-no cahir desfallecido. Ao voltar em si estava o frade attonito, tinha os cabellos eriçados, e havia em seu



semblante um aspecto de imbecilidade que fazia suppôr que fugira-lhe a razão; pouco depois submergiu-se em um estado de lethargia que durou muito tempo.

Viérão desperta-lo tres pancadas soadas fortemente na porta da cella.

— Quem bate?

— E' um peccador que vem pedir a vossa caridade para ouvir em confissão a outro peccador que está a expirar.

— Já vou, respondeu o frade, e, tomando a capa curta e o chapéo de Braga, abriu a porta da cella, e disse para o individuo que viera chama-lo.

— Vamos.

Descêrão ambos a ladeira, chegarão á rua do Cano, fóra dos muros da cidade, e entrarão em uma casa baixa e antiga.

Aproximou-se o frade do leito onde repousava o doente, e disse-lhe.

— Aqui estou, irmão.

— Vou deixar a vida, balbuciou o moribundo, e pôr isso devo confessar meus peccados para que Deos m'os perdôe, e se lembre da minha alma.

— Fallai.

— Ha quasi tres annos que um homem indigno profanou esta casa, manchando a honra de uma donzella que aqui nascera; acreditara a infeliz nas palavras perfidas e enganosas desse seductor, e foi victima delle; mais tarde, como soe acontecer, teve o abandono e o desprezo que trouxerão-lhe lagrimas de sangue aos olhos, e ao coração dôres que matarão-na. Essa donzella era minha irmã. O doente arquejava.

— Infeliz, retorquio o padre.

— Pobre, occulto, ignorado sob este tecto sorvi a affronta que me havião feito, receando alçar o braço contra o malvado, porque sua figura se apresentava diante de meus olhos envolvida no estandarte da patria, que promettera-lhe abrigo e protecção; receava offender ao rei e á patria matando-o. Além disso por commiseração á victima não queria tornar publica a sua macula, expondo na rua o cadaver do seu seductor; julguei que ficaria ignorada e occulta a affronta vil praticada na casa do pobre; con-

tive-me pois, porém guardei no peito a lembrança do ultraje, fervendo-me no coração o desejo da vingança.

Alguns mezes depois recebi ordem para ir á palacio, e admittido á presença de Francisco de Moraes, disse-me elle :

— Deveis vingar a deshonra de vossa irmã.

— Sabeis isso, senhor governador, bradei enfurecido.

— Sei, tornou-me elle.

— O malvado se gabara talvez do mal que fizera.

— O general Duclerc deve ser morto, é um vil prisioneiro, um infame seductor, acrescentara o governador.

— Sim, clamei eu, já, neste instante, dai-me a arma, dizei-me onde elle está, e deixará de existir. Fiquei allucinado ; diante de meus olhos vi o vil seductor, e a seus pés minha irmã maculada lavada em pranto. O governador acalmou-me, aconselhou-me o meio de realizar minha vingança, deu-me dinheiro para subornar as sentinellas que

guardavão a casa de Duclerc, mandou vir á sua presença um soldado do regimento velho, forneceu-nos punhaes, e disse-nos.

— Ide, matai-o e fugi que nada vos acontecerá.

— Erão oito horas da noite, quando chegámos a porta da casa do general francez; as sentinellas que vigiavão-no, ao receber as esportulas, deixárão-nos; entrámos; meu companheiro, o soldado do regimento velho, ficou postado na porta do quarto em que se achava o general, eu avancei, aproximei-me, e cravei-lhe até ás guardas o punhal no coração.

O moribundo cessou de fallar cahindo ex-hausto no leito.

— Ah, fostes vós, perguntou frei Fabiano como se naquelle momento despertasse do estado comatoso em que havia permanecido, fostes vós que assassinastes a Duclerc?

— Sim, meu padre, continuou o doente com voz rouca e enfraquecida; cego de furor, tremulo, arrebatado pelo sentimento da vingança, surpreendi-o no momento em que

ia recolher-se ao leito, e matei-o ; fiquei satisfeito, vingara a minha irmã.

— Ah, exclamou frei Fabiano soltando um suspiro como se necessitasse de ar para dilatar-lhe o peito.

— Fugi nessa mesma noite da cidade, e quasi tres annos fiquei homisiado, mas como sentisse no peito o principio da molestia, de que forão victimas meus pais e minha irmã, resolvi regressar á esta casa para morrer no mesmo leito, em que nasci, em que perecerão meus pais e minha desditosa irmã.

A voz do doente tornara-se estertorosa e a respiração offegante.

O frade ajoelhara-se e começara a orar.

— Absolvei-me, meu padre, regougou o doente, não posso continuar, sinto um cansaço, uma anciedade que me suffoca, falta-me ar, luz, ah, absol...vei...me.

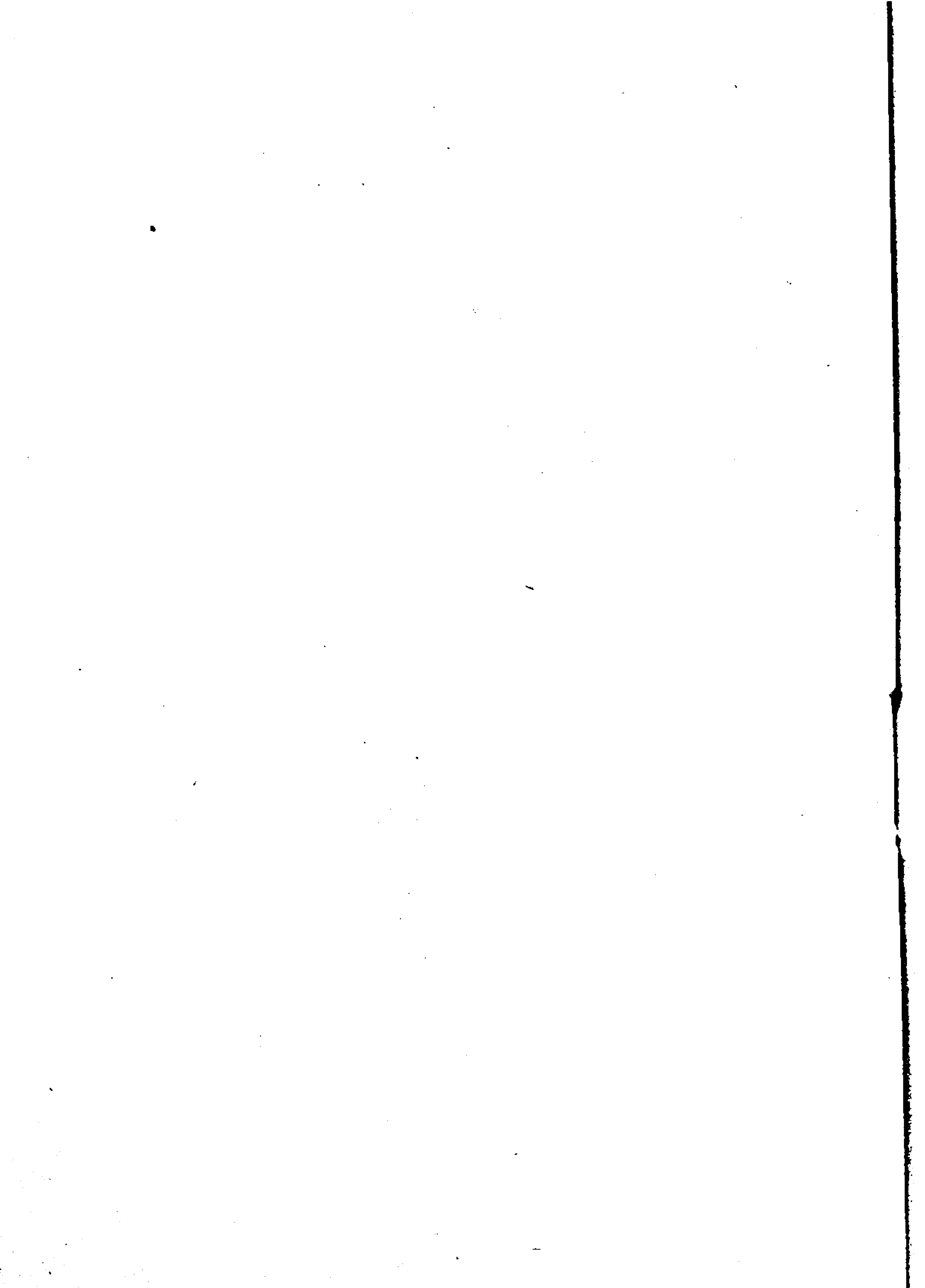
— Mas dizei, bradou o frade, erguendo-se, posso revelar esse segredo de confissão, e declarar o nome do assassino de Duclerc?

Porém o moribundo não respondeu, tartamudeou algumas palavras imperceptiveis, entrou nas ancias da agonia e falleceu.

Frei Fabiano ungiu o morto, orou-lhe pela alma, e sahio.

Regressando ao convento mais calmo e tranquillo do que sahira, entrou na cella, e diante da imagem do Senhor dos Passos que merecia-lhe particular devoção, bradou :

— Eu vos agradeço, meu Senhor, porque elle é innocente !



## XVI

### A CONFIRMAÇÃO DA SENTENÇA

Sabendo que Frederico não era criminoso ficou frei Fabiano mais calmo e resignado, não vio mais diante de si um réo porém uma victima, podia proclamar a innocencia do seu amigo, advogar sua causa, e profligara perseguição que lhe fazião. Mas pensou o frade de si para comsigo.

— Não posso revelar o nome do verdadeiro criminoso, porque não podem transpirar os segredos do confessorario, o moribundo expirou sem dar-me permissão de annunciar o nome do assassino de Francisco Duclerc; posso declarar que Frederico não é culpado, mas se me inquirirem as provas da sua innocencia, o nome do verdadeiro réo que responder?

Ficou o frade pensativo longo tempo, e ajoelhando-se cruzou os braços sobre a mesa do oratorio e nelles deitou a cabeça; nessa



posição permaneceu mais de uma hora orando a Deus que o inspirasse.

Ao erguer-se tomou a capa e o chapéu desabado, e dirigio-se ao palacio do governador.

Senhor, disse frei Fabiano depois de haver saudado a Francisco de Tavora, venho advogar a causa de um innocente.

— Eu vos ouço.

— Frederico não foi o assassino do general Duclerc.

— Quem foi?

— Não posso dizel-o, prohibem'-o o meu ministerio.

— Mas como admittir o vosso simples testemunho, as provas são contra esse moço que foi visto de noite embuçado em amplo capote em frente á casa em que se commetteu o crime, além de varias circumstancias que o condemnão. O delicto já está sujeito aos tramites da lei, breve lavrará o corregedor a sentença e eu farei justiça punindo o réo. O vosso dizer não procede, meu padre.

— Mas attendei-me, senhor governador,

eu não seria capaz de asseverar a innocencia desse moço se não estivesse certo della ; esse moço é um pobre orphão que neste paiz só tem por si este misero frade leigo, a quem sua mãe ao expirar pedio que o amparasse e servisse-lhe de pai, porque, aquelle que era seu pai, abandonou-o injusta e cruelmente.

— Injusto e cruel tambem fui eu, murmurou Francisco de Tavora.

— Procurei cumprir o que me pedio essa desditosa mulher ; chegado a este paiz encontrei depois de algum tempo a esse infeliz, e reconhecendo-o abri-lhe meu coração, estreitei-o em meus braços, e disse-lhe sou vosso amigo. Mas pouco hei feito por elle, porque pouco póde fazer quem, como eu, sustenta sobre os hombros este humilde habito de estamenha.

— Mas Frederico não nasceu aqui ?

— Não, meu senhor.

— E sua mãe onde falleceu ?

— Em Lisboa.

— Em Lisboa, que coincidencia, balbuciou Francisco de Tavora ; mas em que

tempo pereceu a mãe desse moço em Lisboa, perguntou elle ao leigo.

— Eu vos digo, morreu no anno em que sagrou-se el-rei nosso senhor D. João V.

— Oh, e como se chamava a mãe de Frederico?

— Lucia.

— Lucia, bradou Francisco de Tavora levando as mãos á cabeça, Lucia, a filha de Lopo da Silva?

— Sim, senhor governador, affirmou frei Fabiano sem comprehender a causa do sobresalto de Francisco de Tavora.

— Ah, esse moço é meu filho, exclamou Francisco de Tavora cahindo sentado sobre uma cadeira de espaldar de couro lavrado, e tapando com as mãos convulsivas o rosto.

— Vosso filho; sois porventura o marido de D. Lucia, perguntou frei Fabiano sobresaltado.

— Sim, acrescentou Francisco de Tavora, fui o algoz dessa victima; o ciume tornou-me injusto e cruel; por uma suspeita vaga abandonei a mãe de Frederico, arranquei-

lhe dos braços o filho, e entreguei-o á um amigo afim de envia-lo para longe da patria; depois corri ao campo de batalha esperando que uma bala me traspassasse o coração para findarem os meus tormentos; expunha-me aos perigos, aos dardos, ás lanças do inimigo mas sahia incolume da peleja, e conquistava postos e honras que eu desprezava. No dia seguinte apresentava-me contra o inimigo, ardendo em desejo de achar a morte á ponta das lanças, ou ao arrebentar da artilheria, mas as balas me não ferião, e as espadas me respeitavão. Assim passei doze annos em luta com a vida, ancioso pelo momento em que Deus piedoso me abafasse a existencia para fim e descanso dos meus males. Um dia recebi uma carta, era de Lucia; a principio não quiz lê-la, mas não sei que me disse o coração que abri-a, e vi que Lucia participava-me achar-se gravemente doente, jurava-me que era innocente, e despedia-se de mim por estar prestes a deixar a vida, perdoando-me os males, as dôres que lhe fizera soffrer.

Deixei apressadamente o acampamento e corri á Lisboa para ver e pedir perdão á minha mulher; dizia-me o coração que a encontraria viva para uni-la a meu peito depois de tantos annos de separação, de tormentos e dôres para ambos; mas era tarde, Lucia ~~havia~~ perecido, e do nosso filho não havia noticia. Não posso contar-vos que se passou então em minha alma, que dôres alancearão-me o coração, e como os remorsos abaterão-me o espirito. Estive muito tempo abraçado com o cadaver de Lucia, chorei e ouvi calmo as justas recriminações de seu pai. O pobre velho ficara inconsolavel.

Poucos dias depois voltei ao campo de combate, e lá conservei-me até que fui chamado para exercer a governação desta capitania, onde venho encontrar meu filho preso e accusado de crime de morte!

Francisco de Tavora chorava amargamente, e os soluços abafavão-lhe a voz.

Despertárão-se em frei Fabiano as recordações de seu amor da mocidade, a imagem de Lucia passou-lhe mais de uma vez ra-

diante e bella diante da vista, o coração pulsou-lhe apressadamente, partirão-lhe do peito gemidos que procurou abafar, assim como esconder as lagrimas que arrebentavão-lhe dos olhos.

Era tambem a imagem de Lucia, que preocupava a imaginação de Francisco de Tavora, á quem ora apresentava-se-lhe feliz e risonha com o filhinho nos braços, ora percebia-a afflicta com lagrimas de desesperação que queimavão-lhe as faces, bradando-lhe : porque me abandonastes, onde está meu filho !

O governador sentado e frei Fabiano em pé defronte d'elle estavam ambos silenciosos e submersos em suas cogitações, quando annunciou-se a chegada do corregedor.

Francisco de Tavora avincou a testa, engrifou os dedos, e bradou :

— Entre.

O magistrado apresentou-se de capa e volta e com o classico bastão na mão ; com voz pausada e grave disse :

— Senhor governador, trago-vos a sentença do assassino de Francisco Duclerc.

— Foi condemnado, perguntarão ao mesmo tempo Francisco de Tavora e frei Fabiano.

— Sim, senhor governador, affirmou o corregedor.

— Mas esse moço é innocente, exclamou o frade leigo.

— Perdoae-me, vossa caridade, redarguiu o corregedor, mas não sei que nome se ha de dar aos innocentes quando assim denominaes os assassinos; pois ficae sabendo que esse a quem chamastes de innocente, por não haver sido preso em flagrante delicto, foi a justiça compassiva para com elle sujeitando-o á pena de degredo perpetuo.

— Condemnado, clamou Francisco de Tavora com inexprimivel angustia, deixando pender os braços e inclinando a cabeça sobre o peito.

— Condemnado, repetio frei Fabiano erguendo os olhos e as mãos ao céo.

Tendo deixado os autos em uma mesa forrada de tissu de seda collocada proxima do logar em que estava o governador, fez o

corregedor uma profunda venia a Francisco de Tavora, beijou a manga do habito de frei Fabiano, e retirou-se sem atinar o motivo da suprema angustia e afflicção, que suas palavras haviam causado ao governador e ao frade enfermeiro dos franciscanos.





XVII

DOUS CORAÇÕES MARTYRISADOS.

Annunciando-lhe o corregedor a condemnação de Frederico ficou Francisco de Tavora submerso na dôr, e lastimou-se de seu cargo de governador da capitania que lhe incumbia administrar justiça, ser imparcial e recto; julgou não ser digno e airoso subtrahir o filho á condemnação da pena de degredo, mas soffria lembrando-se de que teria de mandar executar a sentença; seu coração de pai lutava com os deveres do supremo magistrado da capitania.

Encerrado em seu palacio, entregue aos tormentos que lhe causavam a desgraça do filho, raras vezes apparecia em publico, escusava-se ás audiencias, mostrava-se melancolico, taciturno, indiciso e tardio nos negocios publicos.

Pensou em pedir sua exoneração de go-

vernador da capitania e retirar-se para Portugal, afim de não assistir á partida do filho para o desterro, mas o zelo pelo real serviço e a suspeita de cahir no desagrado do soberano, o que naquelles tempos era assas melindroso e grave, o detinhão na posição afflictiva de governador geral.

Vião-no nas audiencias ficar repentinamente immovel, impassivel, com os braços pendidos, e o olhar fixo, ou cahir como extenuado, abatido e quasi exanime em uma cadeira, sem mais attender aos que cercavão-no.

Propalava-se por isso que o governador achava-se doente, outros que via-se embaraçado em descobrir os meios de satisfazer á real fazenda e aos mais cofres o emprestimo de seiscentos e dez mil cruzados, que custara o resgate da cidade; e era voz geral que Francisco de Tavora se não demorava na governação da capitania.

Pensava Francisco de Tavora em apresentar-se na prisão, e declarar a Frederico que era seu pai, mas se não achava com força de

animo de abraçar-se com o filho, e depois deixa-lo sob o peso dos ferros e nos rigores do carcere.

Em seus momentos afflictivos e amargurados recordava-se o governador de que tornara desgraçada sua mulher que tanto o amara, e agora devia ser quasi o carrasco do filho, referendando a sentença de exilio lavrada pelo corregedor. Esses pensamentos abatião-lhe os animos, e aguçavão o estylete do remorso que ia feri-lo no coração.

Era tambem profunda a dôr que amargurava o coração de frei Fabiano ; sabia que Frederico era innocente, mas não podia denunciar o culpado, e breve devia ser remetido o infeliz moço para India ou Africa em degredo perpetuo.

Lembrando-se do que Lucia lhe pedira ao expirar, considerava-se fraco e miseravel protector, e amigo infeliz e imprestavel.

Declarando ao provincial que necessitava de entregar-se alguns dias áos exercicios de penitencia, recolheu-se á sua cella, e recusou-se a todo o serviço do convento e da enfermaria.

Lastimavão-se os frades por vel-o macilento, de olhar amortecido, magro e abatido, como se alguma molestia de character assustador lhe houvesse penetrado no corpo, ameaçando-o leval-o ao tumulto.

— Como está enfraquecido e esgrovinhado o nosso santo frei Fabiano, dizia um devoto, que se havia dirigido ao convento em busca de uma receita do frade leigo.

— Não chega á lua nova, acrescentava o outro que o acompanhava.

— Não diga tal, senhor Gonçalo ; Nossa Senhora não ha de permittir que tão santo varão acabe assim.

E que seria de nós se tal desgraça acontecesse ?

— Diz muito bem vossa mercê ; mas quero crer que se frei Fabiano está assim não é de molestia e sim de penitencias e jejuns.

— Virtuoso varão ; vive curando e beneficiando os pobres, e ainda dilacera e ensanguenta o corpo para alcançar a graça divina ; receba Nosso Senhor as obras pias e os

martyrios desse caridoso sacerdote em salvação de sua alma.

— Assim seja.

E os devotos se separarão resolutos a orarem a Deus pela vida do caridoso enfermeiro do convento.

Em suas horas de insania via frei Fabiano perpassar diante de si a imagem de Lucia, e orripilava-se; sentia uma convulsão geral, porque essa imagem parecia accusal-o chamando-o de fraco protector, parecia exprobar-lhe, e ao mesmo tempo implorar-lhe que não desamparasse, não deixasse jazer em um carcere escuro, e ir para o degredo um homem que era innocente.

Pensava o frade leigo em ir á prisão de Frederico e referir-lhe que encontrára seu pai, que era o governador da capitania, e que assim devia ter mais esperança no futuro, mas recordava-se logo que achava-se o preso incommunicavel em rigoroso carcere.

Prestes estava a partir para India o navio com o sentenciado Francisco de Castro de

Moraes, que tão pesada pena tivera pela sua ineptia e fraqueza, e que apesar de saber que Frederico soffria injusta prisão, como autor da morte do general francez, se não revelava como o unico culpado, por não agravar sua sentença de degredo, cuja commutação esperava alcançar mais tarde, por protecção de seu tio, o valido de el-rei D. João V.

Devia Frederico seguir viagem para India com o condemnado Francisco de Castro de Moraes.

## XXVIII

### O PRESO

Só, encerrado no estreito cubiculo de um carcere escuro e humido, jazia Frederico triste e taciturno, julgando-se abandonado de todos; até de Fabiano que tanto o protegera e amparara nas occasiões arriscadas de sua vida.

Quando menino vira-se afastado dos braços de sua mãe e entregue a um individuo que enviou-o para um paiz longinquo, onde só, pelo seu trabalho adquirio a subsistencia, e agora, quando acreditava ter amigos, quando pensava haver um coração de mulher que palpitava pelo seu, e um peito amigo que o estremecia, via-se abandonado, e não achava quem o consolasse e o defendesse.

— Soffrer tanto innocentemente, perguntava a si proprio o moço, sem haver com-



mettido crime algum ; quem me accusaria de assassino do general Duclerc, quaes as provas que me condemnão ; não fui interrogado, e lançou-me a justiça em um carcere dias, mezes e annos, sem dar-me o direito de defender-me, ferindo-me com o ferrête da ignominia. E meus amigos, e frei Fabiano em quem sempre confiei. Ah ! foi ingrato como os outros ! E Thereza, que jurou amar-me, ter-me-ha esquecido julgando-me culpado ; em vez do amor que votava-me ter-me-ha desprezo ou odio ! Ai ! minha mãe quando me arrancárão dos vossos braços porque não acabárão logo com a existencia que começava para mim ! E o preso cahia em abatimento e desanimo.

Encarando no rosto macilento da filha, vendo-lhe sempre os olhos amarejados de lagrimas, as faces abatidas e pallidas, o olhar amortecido e languido, o enfraquecimento e magreza do corpo, condoia-se Fortes de Bustamante, e reconhecendo que o soffrer da filha nascia da prisão em que se achava Frederico, arrependia-se de haver dado cre-

dito á nova de que fôra elle o assassino de Duclerc, e se apressado em denuncia-lo. Mais de uma vez se dirigira ao governador procurando interceder pelo infeliz.

Mais lancinante tornava-se a dôr de Francisco de Tavora quando vinhão-lhe pedir pelo filho, que elle, mais que todos, desejava salvar, porém pela dignidade de seu cargo o não podia fazer; mostrava-se agitado, convulso, sem quasi poder pronunciar uma palavra, e de um modo afflicto despedia-se daquelles que se interessavão por Frederico dizendo-lhes: — Hei de reflectir.

Mas não tinha o governador esperança de poder salvar o filho; prestes devia sahir o navio para levar os degradados da India, e entre elles devia ir Frederico, e por isso era preciso referendar a sentença de degredo; e cada dia que corria, aproximando o momento da partida da frota, augmentava os padecimentos e a afflicção de Francisco de Tavora.

Havia porém um coração que as vezes palpitava esperançoso, que acreditava que,

sendo Frederico innocente, não havia de soffrer pena tão rigorosa e infamante; era o de frei Fabiano, homem de fé, de crenças puras, de verdadeira convicção na justiça divina, e por isso apresentava-se calmo e tranquillo em alguns momentos, e levantando os olhos para o céu dizia:

— Deos ha de salva-lo.

A religião é o linitivo mais suave, o mais virtuoso balsamo para as dores cruciantes da alma; crêde e soffrereis menos, sêde religioso e tereis consolação e esperança.

XIX

PESQUIZAS

Em um desses momentos de calma e resignação que a fé trazia a seu animo abatido, lembrou-se frei Fabiano de que, entre os objectos confiscados a Francisco de Moraes, podia encontrar-se qualquer papel, qualquer declaração escripta que denunciasse o verdadeiro culpado, provando a innocencia de Frederico.

Sabia frei Fabiano que a presença de Duclerc incommodara ao ex-governador Francisco de Moraes, que mais de uma vez manifestara o receio que tinha desse inimigo, e o desejo de affasta-lo da cidade do Rio de Janeiro por qualquer meio que fosse; e vimos que, tendo-se dado o assassinio do general francez, correu a fama que Francisco de Moraes não fôra extranho ao crime. Essas vozes de condemnação chegarão

a frei Fabiano que, se não mostrou dar credito, conservou no peito suspeitas vehementes da traição de Moraes.

Dirigindo-se a Francisco de Tavora lembrou-lhe o frade leigo a utilidade de examinar cuidadosamente os papeis encontrados em casa de Francisco de Moraes, para vêr se desse modo se descobria o autor da morte do general francez.

— Já foi examinada a correspondencia official de Francisco de Castro de Moraes, e tambem todos os papeis pertencentes ao processo do crime praticado contra o general Duclerc, retorquio-lhe Francisco de Tavora.

— Sim, accrescentou o frade, mas quem sabe se não escapou algum papel; se vos assevero, senhor governador, que Frederico não é culpado, devemos pesquisar tudo para cahir a pena no verdadeiro réo, e livrar o innocente dos horrores do carcere.

— O ex-governador e outros hão sido interrogados, e todos são acordes em confessar como criminoso a....

E Francisco de Tavora estacou' não ousando pronunciar o nome do filho.

— Mentem, bradou o frade, acceso em ira, é uma calúnia atroz; se não deve manchar a reputação alheia com accusação tão grave sem provas evidentes da criminalidade; talvez esteja occulto entre esses que o accusão o verdadeiro assassino!

— Dizei o seu nome, tornou-lhe o governador, e farei o que pedirdes; não é o governador quem vos supplica, é um pobre pai que vê diante de si condemnado, expatriado e amaldiçoado por Deus e pelos homens o seu filho; dizei, meu padre.

Ergueu o frade os olhos ao céu, e tocando os labios com os dedos murmurou.

— Não posso.

O governador deixou-se cahir sentado na cadeira de couro lavrado e marchetada de pregos amarellos que estava junto a si, e occultando o rosto entre as mãos balbuciou:

— Dai-me animo, meu Deus, para vencer transe tão afflictivo e pungente.

— Vamos examinar os papeis encontrados

em casa de Moraes, repetiu o frade ao governador.

Convidou Francisco de Tavora ao frade leigo para entrar em um gabinete proximo, onde estavam depositados diversos objectos e papeis arrecadados em casa do ex-governador.

Começárão ambos a folhear, a abrir e a ler um por um todos os papeis, e já haviam examinado quasi todos, quando ao ler um delles expandio o frade o rosto, julgando haver encontrado a prova da innocencia de Frederico.

O escripto dizia assim :

—Desejo, Sr. Muniz de Albuquerque, fallar-vos hoje depois da audiencia para lembrar-vos um meio de vingar-vos da affronta, que um miseravel fez á vossa honra, e... E nada mais continha o bilhete.

Era a carta que Francisco de Moraes começara a escrever a Muniz de Albuquerque, e que inadvertidamente esquecera entre outros papeis. O frade amarfanhou o escripto entre as mãos exclamando contrariado.

— Mais algumas palavras e Frederico estava salvo.

Concluido o exame, a pesquisa de todos os papeis, murmurou o frade leigo.

— Nada encontrei.

— Nem eu, accrescentou Francisco de Tavora abatido.

— Mas, senhor governador, ha um meio de salvar o vosso filho.

— Qual? disse, clamou Francisco de Tavora agitado.

— Podeis dar-vos por suspeito por ser pai do réo.

— Mas isso o não libertará da prisão, apenas retardará a sua partida para o desterro.

— E já nos convem se tal conseguirmos; se Frederico não é o autor do assassinio, toda a demora na decisão do pleito é util para descobrir-se o verdadeiro réo.

— E se el-rei submeter o crime á justiça dos tribunaes de Lisboa poderemos esperar sentença mais favoravel?

— Pois largai a governação da capitania



entregando-a á camara, como determinão as cartas regias, e correi á Lisboa a advogar a causa do vosso filho.

Francisco de Tavora cruzou os braços, abaixou a cabeça e ficou pensativo.

Nesse momento baterão á porta ; era o capitão-mór da costa que vinha saber do governador a hora e o dia da partida da frota.

Francisco de Tavora encarou-o fixamente, e sem corresponder ás cortesias do capitão-mór, disse-lhe :

— Amanhã, ás duas horas da tarde.

Retirava-se esse smpregado quando assomou na sala vaga, que hoje chamamos sala de visita, a figura austera do corregedor, trazendo a lista dos degradados que devião seguir na frota.

— Que quereis, perguntou-lhe o governador abordoando-se no seu bastão de marfim.

— Trago-vos, senhor, retorquio-lhe o magistrado, a lista dos desterrados, que devem seguir na frota, para receber a vossa assignatura.

Francisco de Tavora tornou-se pallido, ficou como areado, afastou os cabellos da testa, e recebendo o papel levou-o à uma mesa proxima, assignou, e entregou-o ao correge-dor dizendo-lhe.

— Ei-lo.

O magistrado sahio.

Repentinamente cahiu o governador des-maiado no pavimento da sala; frei Fabiano abeirou-se delle, e procurou reanima-lo enxugando-lhe o suor que escorria em bagas pela testa.



XX

PARTIDA

Recuperando os sentidos, experimentou Francisco de Tavora contracções nervosas durante toda a noute, mas que pouco e pouco minorárão pelas convenientes applicações medicamentosas de frei Fabiano; ficou o governador exhausto de forças, combalido, e com o rosto macilento e desfigurado. Vendo-o mais tranquillo, disse-lhe o frade leigo:

— Animai-vos, senhor, não vos deixeis succumbir pelas agonias acerbas da dôr; necessitae ter coragem para defender vosso filho, que não tem outro arrimo e outro braço que o sustente; se vós, o governador desta capitania, por el-rei nosso senhor, vos acabrunhaes desse modo, como resistirá vosso filho, pobre orphão, que se vê torturado pelas cruezas do carcere; vos deve consolar a idéa de que vosso filho é innocente; deve a fé

abrir o vosso peito á esperanza, e se duvidaes da justiça dos homens, acreditai ao menos na de Deus. Eu tambem prèso a esse moço, e sei que soffre injustamente por um crime que não commetteu; mas já me vistes succumbir!

— Mas não sois seu pai!

— Dedico-lhe porém amor de pai; desde o dia que o avistei, declarei-me seu amigo perante á imagem divina do Redemptor, e desde esse dia tenho-o acompanhado, protegido e esforçado-me por livra-lo dos males da vida; vejo-o hoje preso e condemnado, mas como elle é innocente, creio que vós, seu pai e poderoso governador deste Estado, podeis salva-lo, se souberdes ter animo para supportar essas flagellações, esses tormentos da alma; tende fé na justiça do céo que nunca falta aos homens. Vosso filho precisa de quem o anime, e acorde-lhe no coração a esperanza e a fé, e assim, em vez de entregar-vos ás agonias da dôr, porque não ides vê-lo e consola-lo?

— Vê-lo e deixa-lo depois no carcere só e condemnado!

— Mas plantareis em sua alma a esperança, e em seu coração o amor de pai que elle não conhece; ficará elle sabendo que seu pai é o governador da capitania, o qual póde suste-lo das profundezas da masmorra e liberta-lo.

— Mas para que levar-lhe á alma uma esperança que não sei se poderei realisa-la?

— Para reanima-lo, emprestar-lhe forças afim de superar as desgraças da vida; para ensinar-lhe a ver no futuro um ente que póde protege-lo; para dar-lhe uma consolação; e que mais viva e íntima consolação para o orphão do que a de achar o homem a quem póde dar o nome de pai!

— Se minha visita á prisão póde ser util a meu filho, levai-me até lá, virtuoso padre, redarguiu Francisco de Tavora chorando.

Mandou frei Fabiano vir uma cadeirinha na qual entrou o governador, sustido pelo braço do frade, que acompanhou-o a pé.

Chegados á fortaleza de S. Sebastião, onde estava o preso, foi frei Fabiano o primeiro a penetrar no cubiculo em que estava encerrado Frederico.

— Oh ! meu pai, meu padre ! exclamou Frederico erguendo-se do almadrague de palha em que estava deitado e lançando-se nos braços do leigo ; vós aqui, julgava que me havieis abandonado.

— Não ; a lei é que vedava-me a entrada deste carcere, e por isso não podia chegar até vós.

— Sou innocente, acreditai-me.

— Sei, e conheço o réo do crime que vos é imputado.

— E porque não tendes advogado minha causa, e libertado-me desta masmorra accusando o verdadeiro criminoso ?

— Vêdes este habito, este cordão que me cinge o peito ; pois essas vestes e os votos que ellas exprimem cohibem-me de fallar ; é um segredo de confissão.

— Ah ! murmurou Frederico succumbido.

— Mas um ente muito mais poderoso do que este pobre frade, uma voz muito mais imponente, e que mais de perto fallará ao vosso coração, vai erguer-se em vossa defeza.

— Quem poderá defender-me como vós, onde encontrarei auxilio mais efficaz e amor como o do vosso coração?

— No coração do vosso pai.

— De meu pai, dizeis!

— Sim de vosso pai, que é o Sr. Francisco de Tavora, o governador desta capitania.

— E ainda me não libertou?

— Não, meu filho, disse Francisco de Tavora entrando apressadamente no cubiculo do preso, não porque a honra de meu nome de fidalgo portuguez e de delegado d'el-rei meu senhor m'ó prohibe; sou responsavel pela justiça desta terra que el-rei o senhor D. João V confiou á minha guarda; mas tenho padecido muito por ver-te condemnado; se tens experimentado os rigores do carcere, tenho esgotado gota á gota o calix de acerbidades amarguras. Ah! deixa-me encarar-te, deixa estreitar o teu peito junto ao meu para ver se me podes dar algum alento, pois sinto a vida desprender-se-me das fibras do coração.



— Meu pai! exclamou Frederico abraçando-o.

— Sim, repete esse nome, chama-me de pai uma e muitas vezes, desperta-me no peito esse sentimento que viveu abafado tanto tempo. Consola-te meu filho, continuou Francisco de Tavora enxugando as lagrimas do filho, hei de procurar salvar-te, e se não puder, irei comtigo para o desterro, esmolarei em terra estranha o pão da miseria, e suportarei comtigo os pesados trabalhos dos presidios da Africa ou da India. Hoje não estás só, tens por ti teu pai. Misturavão-se as lagrimas do pai e do filho.

Apparecêrão nesse momento na prisão os soldados do regimento velho, que vinhão buscar o preso para embarcar na frota que estava a sahir. Frei Fabiano, que logo que Francisco de Tavora entrára na prisão, se recolhera silencioso a um canto, procurou afastar o pai do filho, mas os lamentos, os gemidos, os gritos que se partião dos peitos de ambos, os esforços que ambos fazião para se não apartarem, o detinhão e embaraçavão;

por fim, depois de muito lutar, tirou o frade um crucifixo, que trazia por debaixo do habito, e apresentando-o a Francisco de Tavora, bradou :

— Coragem, Sr. governador; este que aqui vêdes soffreu mais que todos nós; coragem. E pegando do braço de Francisco de Tavora retirou-o do carcere.

Algumas horas depois saipava a frota levando, entre os degradados, o filho do governador da capitania.



XXI.

A VOZ DA CONSCIENCIA

Francisco de Tavora foi arrancado dos braços do filho em estado de grande afflicção e desespero; encerrou-se em seu palacio, absteve-se de todo o serviço da administração publica, e escusou-se a receber quem o procurava; só tinha junto a si o frade leigo, que com prudentes reflexões procurava reanimar-o e dar-lhe alivio ás dores pungentes da alma.

O navio que conduzira Frederico para o desterro levou tambem os degradados Francisco de Castro de Moraes, e Francisco Xavier de Castro, que fôra preso no lugar em que se refugiara.

Levado para bordo mui desanimado e abatido prostrou-se Frederico no leito, e se não levantou mais.

Frei Fabiano presenciou o seu embarque tendo os olhos lavados em lagrimas, em

quanto balbuciava com as mãos erguidas ao céo fervorosas orações.

— Meu Deus e meu senhor, murmurava o frade, protegei-o porque elle é innocente.

Theresa não soubera que seu amante partira para o desterro ; Fortes de Bustamante occultara-lh'o receoso de que essa nova levasse o desespero ao coração da filha , e acabasse por despedaçar-lhe das fibras do peito os ultimos alentos que lhe davão vida. Excepto frei Fabiano ninguem mais sabia que Frederico era filho do governador, e por isso sua partida não interessou nem despertou á attenção publica ; alguns lastimárão a sorte do pobre orphão tão cedo roubado ao goso da liberdade, muitos porém amaldiçoárão-no, indigitando-o como criminoso que manchara suas mãos no sangue de uma victima.

Cada dia que adiantavão-se os navios na viagem augmentavão-se os padecimentos, a prostração de Frederico ; as forças ião-lhe pouco e pouco diminuindo, o pulso abatiasse, o rosto estava emaciado, os olhos aprofundados nas orbitas, envoltos em um cir-

culo arrocheado, e o corpo tão emagrecido que os ossos parecião querer romper a pelle que os revestia. Em certos momentos tomava o seu semblante uma côr animada, relumbravão-lhe os olhos, o misero esforçava-se por erguer-se no leito, e murmurava como delirante :

— Theresa, meu pai, frei Fabiano.

Logo após inundava-lhe o rosto e toda a periferia do corpo um suor abundante que prostrava-o horas e horas sem movimento.

Quando a frota chegou á cidade da Bahia, achava-se Frederico em estado assas grave, já não levantava a cabeça, nem abria os olhos, e parco era o alimento que recebia.

Vendo o cirurgião da frota que inevitavel era a morte do padecente, para se não ter de lançar o cadaver ao mar, aconselhou o desembarque do moribundo.

Retirado do cubiculo em que jazia, foi o misero trazido para o tombadilho, afim de ser remettido para a terra.

Francisco de Moraes e Xavier de Castro presenciárão então o estado do seu companheiro

de infortunio, e olhando fito nesse rosto livido, vendo esses olhos empanados e esvurmando sangue, esse corpo descarnado e prostrado, como se só esperasse a cova em que devia dormir o somno sem fim, entrou-se Francisco de Moraes de tanta condolencia, sentiu em si bradar tão alto a voz da consciencia que, dirigindo-se a Xavier de Castro, disse-lhe :

— Fui eu quem matou este pobre moço, que é innocente.

— Pois declarai-o, meu tio, observou-lhe Xavier de Castro.

Ouvindo estas palavras aproximou-se o capellão de bordo, e fallou assim ao ex-governador.

— Filho, apressai-vos em revelar ao governador desta capitania que esse moço é innocente, e Deus levará em conta de vossos peccados essa confissão ; livrai a vossa consciencia desse grande remorso e a vossa alma desse ingente peccado ; se os homens vos condemnarão o corpo, salvai vossa alma perante Deus, pai de misericordia e amor ; não

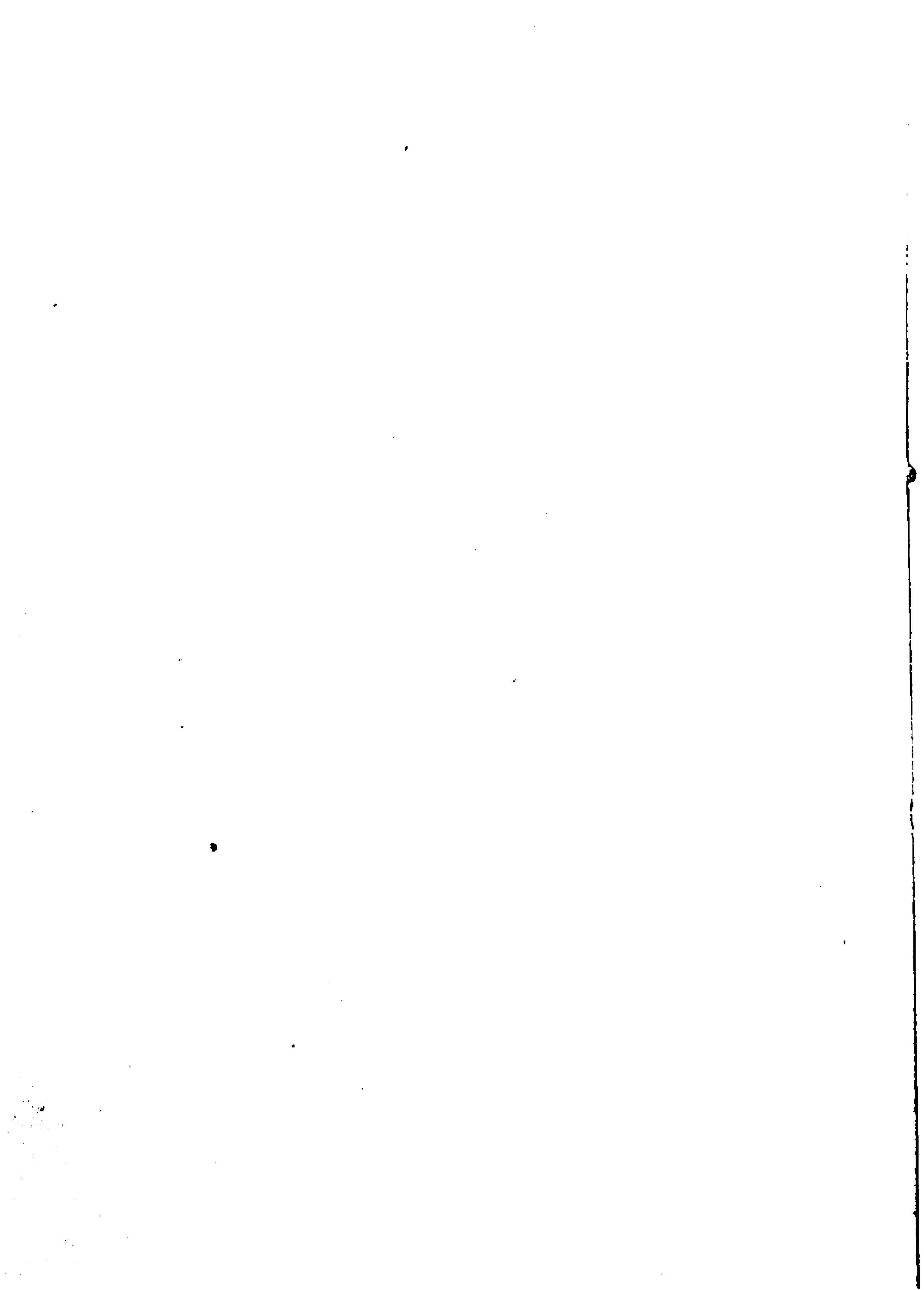
deixeis esse orphãnado de pai e mãe soltar o ultimo suspiro sem ouvir a sua absolvição; vedes que elle vae a se finar passado de dôres; ainda é tempo, revelai o que sabeis, e Deus vos abençoará.

Depois de fitar muito tempo os olhos no corpo abatido e exangue de Frederico, voltou-se Francisco de Moraes para o capellão e disse-lhe :

— Desejo fallar ao senhor governador Pedro Luiz de Vasconcellos.

Levârão-no ao palacio do governador da capitania da Bahia, que era o filho do fidalgo Luiz de Vasconcellos e Souza, da casa dos condes de Castello Melhor. Francisco de Castro de Moraes fez importantes revelações ao governador, e no dia seguinte proseguiu a viagem no navio que levava-o á India.





## XXII

### CONCLUSÃO.

Francisco de Castro de Moraes deu minuciosas informações ao governador Pedro de Vasconcellos sobre o assassinio de Duclerc, e procurou justificar esse attentado allegando que mandara-o praticar para livrar a patria de um inimigo inquieto, turbulento e rancoroso, que continuamente perturbava o socego publico; como se houvesse muito que recear de um só homem vencido e prisioneiro, e se pudesse perdoar e julgar licito acto tão violento e criminoso como o assassinio.

As declarações de Francisco de Moraes innocentarão a Frederico que ao ouvi-las sentio um sobresalto geral, e cahio depois em profundo espasmo, conservando no olhar uma fixidez e calma, que parecia haver-se-lhe varrido a razão. Levado para um aposento mais hygienico, e considerado não

como um degradado, senão como um infeliz, recebeu tratamento mais conveniente, e pouco e pouco voltárão-lhe as forças, as côres ás faces, o brilho aos olhos e o movimento aos membros; restituído á saúde e á liberdade regressou Frederico de Tavora ao Rio de Janeiro. As emoções que experimentou ao abraçar seu pai e a frei Fabiano, que tanto fizera por elle, são inexprimiveis, sentem-se, mas as palavras são insufficientes e amortecidas para descrevelas, principalmente se o autor, como nós, não tem recursos na phrase para pintar transportes tão intimos e vehementes.

Frederico foi nomeado ajudante de ordens do governador da capitania.

Reconhecido como filho de Francisco de Tavora, e escolhido seu ajudante de ordens tornou-se festejado e considerado de todos; saudavão-no, lisongeavão-no quando avistavão-no aquelles proprios que antes accusárão-no de assassino, louvárão a rectidão da justiça que o condemnara, e forão os primeiros a amaldiçoá-lo no dia em que se fez

ao mar o navio que conduzia-o para o desterro; voltárão, reapparecêrão os amigos ingratos, e todos tiverão de mentir para justificar seu procedimento, e de aviltar-se adulando e engrandecendo os meritos daquelle que, pouco antes, chamavão de precito!

Fortes de Bustamante que pelos soffrimentos em que se estava a filha, se interessara pela sorte de Frederico, e lastimara sua partida, regosijou-se quando vio-o voltar á patria livre da pena do desterro; rehabilitado na opinião publica, e considerado por ser o filho do governador e seu ajudante de ordens; foi um dos primeiros a visita-lo, narrou-lhe a tamanha afflicção de Thereza, e mostrou-se desejoso de apressar a união dos dous namorados, cujos corações já estavam atados pelos liames do amor.

Abrio-se a alma de Frederico aos sonhos alegres e risonhos da vida, quando vio realizadas suas esperanças nas palavras francas e decididas de Fortes de Bustamante.

Quanto a Thereza, mudárão-se-lhe as la

grimas em risos, e encheu-se-lhe de jubilo o coração ao ouvir seu pai dizer-lhe :

— E's a noiva de Frederico de Tavora.

Ajustárão-se as nupcias, impetrou-se a licença regia, para a união dos noivos ; e corridos quatro mezes celebrou-se o casamento na igreja da Cruz, que servia de Sé e Cathedral, officiado o bispo D. Francisco de S. Jeronymo, e achando-se presentes o governador e as pessoas mais gradas da cidade.

Durante a cerimonia conservou-se ajoelhado, de mãos postas e com os olhos em Christo, o frade leigo frei Fabiano.

Terminado o acto estreitou Francisco de Tavora o filho entre os braços balbuciando :

— Perdoa-me se te fiz soffrer, e pede a tua mãe que tambem m'o perdoe.

— Ella já vos perduou, senhor, acrescentou Frederico beijando a mão do pai.

— Meu Deos e Senhor, tornou Francisco de Tavora fitando os olhos em Christo, eu vos agradeço haver concedido essas alegrias ao meu coração.

Erguendo-se aproximou-se frei Fabiano de Frederico e disse-lhe :

— Eu vos abençôo em nome de Deus e de vossa mãe.

Frederico ajoelhou-se, e beijou a fimbria do habito do frade leigo ; Thereza imitou-o.

Depois de haver prestado uteis serviços á capitania, e tomado posse da colonia do Sacramento que, em virtude do tratado de Utrech, fôra restituída á corôa portugueza, retirou-se Francisco de Tavora para Portugal, onde falleceu no posto de mestre de campo do exercito do rei.

Frederico não acompanhou-o, deixou-se ficar no Brasil, onde pelo dote que lhe viéra com a esposa, e pelos recursos herdados de seu pai, avantajou-se no commercio, tornou-se um dos mais ricos da cidade, occupou diversos cargos, como o de juiz da Alfandega, e chegou a exercer, com outros homens bons da terra, a governação interina da capitania.

Chegados á India forão Francisco de Castro de Moraes e Francisco Xavier de Castro

reclusos em uma fortaleza, onde consta que se finárão a chorar pela patria, pelas mulheres e filhos, e o primeiro tambem por seu tio, o reitor do collegio de Santo Antão, que ha muito adormecera o somno eterno na igreja dos padres da companhia de Jesus.

O mercador Gaspar Soares pereceu de decrepidez.

E' fama que vendo fazer-se ao mar o navio que exilava para India o desditoso Francisco de Moraes dissera :

— Vai homem pusillamine e covarde com o inimigo forte e destemido, e vil e traiçoeiro com o inimigo vencido e desarmado.

Recusando a decidida protecção de Francisco de Tavora, que offerecera-lhe impetrar da côrte honroso beneficio ecclesiastico que premiasse suas virtudes, conservou-se frei Fabiano na condição humilde e humanitaria de enfermeiro, e nessa vida obscura mas caritativa permaneceu o virtuoso leigo trinta e sete annos.

Em outubro de 1747 agravárão-se os padecimentos do santo varão, que reconheceu

estar proxima a hora de encetar a grande viagem que devia leval-o até Deus.

Vindo Frederico visital-o, disse-lhe o humilde leigo :

— Adeus, meu filho, até o céu.

Frederico afastou-se do leito do frade suffocado em choro.

O virtuoso leigo annunciou em que hora e dia havia de afastar-se do mundo, e como se Deus já lhe houvesse concedido aos olhos luz divina para lêr no futuro, aconteceu perecer na hora e dia marcados ; ás duas horas da tarde de 17 de outubro de 1747 frei Fabiano era do céu.

Divulgada sua morte agitou-se o povo, correu ao claustro lastimando-se de tão grande perda ; dobrárão os sinos de todos os campanarios, fechárão-se as casas, e quasi todos vestirão-se de luto, causando o acontecimento tanto abalo como se fôra uma calamidade publica.

Depositado o cadaver na capella do claustro consagrada á Jesus, Maria, José, invadiu o povo esse recinto, aproximou-se do



esquife em que dormia o morto, e rasgou, dilacerou os dous primeiros habitos que revestirão o cadaver, acreditando ter nesses pedacinhos de panno reliquias santas; manifestavão todos o desejo de ver o finado, de tocar-lhe o corpo com as mãos ou conche-gar-lhe á carne rosarios, fitas, lenços, cru-zes, figas e outros objectos por julgarem que se transmittião do corpo morto aos objectos que tocavão-no as virtudes do humilde leigo. Começou a reinar tanta confusão e alarido que foi preciso intervir a força armada para aquietar a multidão, que se mostrava exal-tada, e porfiava em obter reliquias arranca-das a esse corpo que se diluía

Conduzido o cadaver no dia seguinte á igreja começarão os officios funebres cele-brados por ordem de Frederico com muita pompa, e a que assistirão o bispo de então D. frei Antonio do Desterro, o governador Gomes Freire de Andrade, depois conde de Bobadella, a nobreza, clero e povo; um re-ligioso relatou no pulpito as virtudes do morto, e os milagres que Deus por sua in-

tervenção praticára, e, antes de descer ao jazigo que era-lhe reservado, na quadratura da claustro, beijarão o governador, o bispo, e todas as pessoas presentes a mão do findo, notando-lhe cheiro de santidade.

Terminados os funeraes conservárão-se longo tempo ajoelhados, orando junto ao tumulo em que repousava o humilde frade, um homem e uma mulher cobertos de luto. Erguendo-se disse Frederico olhando fito na sepultura :

— Eu vos agradeço, minha mãe, o amigo e protector que me escolheste; elle foi mais que isso, foi meu pai.

— E pai de todos que choravão e soffrião, acrescentou Thereza.

Na parede fronteira ao jazigo do leigo gravou-se esta inscripção. :

— Sepultura do servo de Deus frei Fabiano de Christo, fallecido em 17 de outubro de 1747.

Tal era a veneração e fé que tributava o povo a esse frade, que começou a empregar contra diversas molestias, e em casos afflicti-

vos, as reliquias obtidas no dia do enterro-mento, e propalárão-se muitos milagres operados por esse meio.

O bispo e o governador attestárão o cheiro de santidade no cadaver do leigo (1), e mandou o diocesano proceder a uma inquirição juridica sobre os numerosos milagres que se dizião operados por Deus em testemunho da santidade de frei Fabiano de Christo. Vinte e nove pessoas relatárão, sob juramento aos santos evangelhos, factos miraculosos realizados por meio das reliquias e intervenção do humilde e virtuoso leigo, que não foi canonisado por faltarem á congregação franciscana meios para tão dispendiosa honra. (\*)

Dobados annos exhumárão-se os ossos de frei Fabiano, que ainda estão depositados na parede do corredor, que communica a enfermaria com a capella do Senhor

---

(\*) Veja as notas no fim do livro.

(\*) Veja as notas no fim do livro.

dos Passos, levantada na antiga cella do frade leigo, cuja sepultura em que se consumio o cadaver, foi desde então, por ordem episcopal, declarada impedida.

Não reflexionaremos sobre as attestações de Gomes Freire de Andrade e do bispo D. frei Antonio do Desterro, que o leitor póde lêr nas ultimas paginas deste livro; o primeiro, ha mais de um seculo, e o segundo, ha noventa e sete annos, forão responder pelos seus actos perante o supremo juiz, perante Deus; assim diremos dessas vinte e nove pessoas que jurárão milagres operados por intervenção do humilde leigo.

Mas convém observar que devemos estudar os acontecimentos e individuos segundo a época, os costumes, as idéas, a crença e os sentimentos religiosos em que vivêrão, e não condemnar absolutamente os factos, principalmente em obras taes em que não corre ao autor o dever de investigar as causas e as razões dos acontecimentos.

Mas uma reflexão e fecharemos o livro; apezar de não haver sido canonisado o cari-

doso enfermeiro do convento, se ha perpetuado seu nome, que ainda é repetido com veneração ; entretanto peza sobre seu tumulo mais de um seculo.

Que santo varão não foi esse homem, chamado no claustro frei Fabiano de Christo !

FIM.

NOTAS



# NOTAS

---

## PRIMEIRA

D. frei Antonio do Desterro, por mercè de Deus e da Santa Sé Apostolica, bispo do Rio de Janeiro, do conselho de Sua Magestade, etc., etc. ; attestamos que aos 18 dias do mez de outubro do anno passado, de 1747, ás 4 para ás 5 horas da tarde, assistindo nós a rogo dos Revms. franciscanos do convento de Santo Antonio desta cidade, ao enterro do servo de Deus frei Fabiano de Christo, religioso leigo do mesmo convento, o qual havia fallecido no dia antecedente, pelas duas horas da tarde, vimos e presenciámos o seguinte :

Que havendo fallecido o dito servo de Deus de uma hydropesia e de umas chagas



antigas e asquerosas, que lançavão de si materias putridas, depois de morto nenhum máo cheiro lançava o cadaver. Que as ditas chagas estavam rosadas, vertendo sangue liquido. Que, esfregando nós as ditas chagas com um retalho do habito do mesmo servo de Deus, e molhando-o no seu sangue, lançava este um cheiro suavissimo que recreava o olphato. Que o cadaver tinha flexiveis as mãos, braços, pernas e juntas do corpo em que se fez exame. Que tinha as côres do rosto tão naturaes e agradaveis, e os olhos tão crystallinos como se estivesse vivo, havendo mais de vinte e seis horas que tinha morrido. O que tudo nos pareceu, e aos medicos que estavam presentes, serem effeitos sobrenaturaes e prodigiosos. E informando-nos nós da patria, vida e costumes do dito servo de Deus, soube-mos dos religiosos do dito convento, que era natural do arcebispado de Braga, no reino de Portugal, que tinha 71 annos de idade pouco mais ou menos, e 41 de professo na religião de S. Francisco desta ci-

dade, dos quaes gastára 37 em servir com fervorosa caridade na enfermaria do convento: que finalmente fôra sempre um religioso de vida inculpavel e exemplar. Todo o referido é verdade, em fé do que mandamos passar a presente attestação por nós assignada e sellada com o sello das nossas armas, neste nosso palacio episcopal da cidade do Rio de Janeiro, aos 2 de agosto de 1748. E eu padre Agostinho Pinto Cardoso, escrivão da camara ecclesiastica, a subcrevi. Assignado ✠ D. FR. ANTONIO, bispo do Rio de Janeiro. — Lugar ✠ do sello —  
CARDOSO.

Registrado á fl. 77 v. do livro 1º do registro das lettras apostolicas.

Rio, 2 de agosto de 1748.—SENNA.

SEGUNDA

Gomes Freire de Andrade, do conselho de Sua Magestade, sargento-mór de batalha de seus exercitos, governador e capitão general das capitánias do Rio de Janeiro, Minas Geraes, Goyaz e Cuyabá, etc., etc. Certifico e attesto que indo eu ao convento de Santo Antonio desta cidade, assistir ao funeral do servo de Deus frei Fabiano de Christo, religioso leigo do mesmo convento, vi e examinei haver fallecido de hydropesia geral, e que algumas chagas que tinha antigas e asquerosas, lançavão de si sangue puro e odorifero. Que tinha as mãos, pés e mais partes do corpo, em que pôde fazer-se exame, inteiramente flexiveis. Que sendo o dito religioso em vida de côr muito macilenta, ao tempo que se fazia o officio de corpo presente, reparei que se lhe tornárão as côres do rosto tão rosadas e naturaes, e os olhos tão crystallinos, melhor do que se es-

tivera vivo, havendo mais de 26 horas que estava morto; o que tudo me pareceu e ás mais pessoas que estavam presentes, serem effeitos sobrenaturaes e prodigiosos. Ultimamente sempre o conheci de quatorze annos que estou nestas capitánias, e geralmente de todos foi tido como um religioso de vida virtuosa e exemplar. Era natural do arcebispado de Braga, em Portugal. Viveu setenta e um annos, pouco mais ou menos, e morreu a 17 de outubro do anno passado, pela-uma para as duas horas da tarde. Tinha 41 annos de corporação, havendo 36 ou 37 que servia de enfermeiro no referido convento, com ardente caridade evangelica.

Todo o referido passou na verdade segundo o que presenciei e as informações que tomei; em fé do que mandei passar a presente attestação por mim assignada e sellada com o sinete das minhas armas.

S. Sebastião do Rio de Janeiro, a 5 de setembro de 1748.— Gomes Freire de Andrade.

TERCEIRA

No livro 2.º do tombo do convento de Santo Antonio desta cidade á folhas 85 a 100, achão-se lançados os depoimentos de vinte e nove pessoas respeito aos milagres, que fez o Senhor em testemunho da santidade daquelle seu servo.

Entre outros diz Thereza de Jesus, moradora na rua do Parto, viuva de Jacintho de Almeida, haver-se curado de um fluxo de sangue, tendo promettido rezar quotidianamente pela alma do servo de Deus frei Fabiano de Christo.

---

Depôs João Baptista de Sousa haver se restabelecido de um flato hypocondriaco no estomago, tocando o lugar enfermisso com um rosario, que conchegara ao corpo do servo de Deus frei Fabiano.

Depôs o ajudante de cavallaria Manoel de Sousa de Andrade que uma sua filha de dous mezes se curara de uma empigem, por meio de uma reliquia do habito daquelle servo de Deus.

---

Depôs Manoel Gonçalves Loureiro, morador na rua do Cano, dentro dos muros da cidade, haver-se restabelecido de uma empigem na face, por meio de uma reliquia daquelle servo de Deus.

---

Deu depoimento João de Moraes Leal, official de alfaiate, morador na rua do Rosario, de que soffrendo de uma dôr no ventre ha quatro mezes, se curara ligando o ventre com uma fita, que cingia a perna do cadaver de frei Fabiano, reliquia esta que recebeu do padre frei Pedro Nolasco de S. Francisco.

E outros, e outros...



# INDICE

	Pags.
Esperanças perdidas.....	7
O leigo.....	17
A agua milagrosa.....	25
Amor desditoso.....	33
Os dous irmãos.....	39
Invasão inimiga.....	45
Depois da victoria.....	53
Gaspar Soares.....	63
A entrevista.....	69
Francisco de Moraes.....	75
Duclerc.....	83
A justiça de Francisco de Moraes....	91
Dugay Trouin.....	97
A alçada.....	107
A confissão.....	115
A confirmação de sentença.....	125



Dous corações martyrisados . . . . .	135
O preso . . . . .	141
Pesquizas . . . . .	145
A partida . . . . .	153
A voz da consciencia . . . . .	161
Conclusão . . . . .	167
Notas . . . . .	181



<b>Magalhães</b> (D. J. G.) Suspiros Poeticos e Saudades, 1 vol.....	6\$000
— Poesias avulsas, 1 vol.....	6\$000
— Tragedias : Antonio José, Olgiate, e Othello, 1 vol.....	6\$000
— Urania, collecção de 100 Poesias, 1 vol.....	6\$000
— Confederação dos Tamoyos, 1 vol.....	6\$000
— Factos do Espirito Humano, 1 vol. ....	6\$009
— Opusculos Historicos e Litterarios, 1 vol.....	6\$000
<b>Varella</b> (L. N. F.) Cantos do Ermo et da Cidade. (lindas poesias), 1 vol.....	3\$000
<b>Pereira da Silva</b> (cons.º J. M.) Historia da Fundação do Imperio Brasileiro, 7 vols.....	42\$000
— Jeronymo Corte-Real, 1 vol. 3 vol.....	3\$000
— Manoel de Moraes, 1 vol. broch 2\$ encad.....	3\$000
— Varões Illustres do Brasil, 2 vols.....	8\$000
— Obras Politicas et Litterarias, 2 vols.....	10\$000
<b>Southey</b> , Historia do Brasil, 6 grossos vols....	36\$000
Biblia Sagrada (a mais rica edição em portuguez) 2 vols. com estampas.....	30\$000
<b>Pinheiro</b> , (conego D <sup>r</sup> J. C. F.) Curso de Litteratura nacional, 1 vol.....	7\$000
— Episodios da Historia patria, 1 vol.....	2\$000
— Historia Sagrada Illustrada, 1 vol.....	3\$000
— Cathecismo da Doutrina Christã, 1 vol.....	1\$000
— Meandro Poetico, 1 vol.....	2\$000
— Manual do Parocho, 1 vol.....	2\$000
<b>Castilho</b> , Livraria Classica Portugueza. — Aham-se publicados os seguintes: Fernão Mendes Pinto, 2 vols., Padre Manoel Bernardes, 2 vols., Garcia de Rezende, 1 vol., Bacage, 3 vols.	
<b>Norberto</b> , As Brasileiras Celebres, 1 vol.....	2\$000
— Flôres entre espinhos, 1 vol.....	2\$000
<b>Mery</b> , Raphael e Fornarina, 1 vol.....	1\$000
<b>Mirecourt</b> , Ultima Marqueza, 1 vol.....	4\$000
<b>Castilho</b> , Outono, mimosas poesias, 1 vol....	4\$000
— (Julio) Primeiros versos, 1 vol.....	2\$000
<b>Bittencourt Sampaio</b> , Flores Sylvestres, 1 vol.....	2\$000
<b>Seabra</b> , Flôres e Fructos, 1 vol.....	2\$000

<b>Machado d'Assis</b> , Chrysalidas, 1 vol.....	2\$000
<b>Zaluar</b> , Revelações, 1 vol.....	5\$000
— Peregrinação na provincia de S. Paulo, 1 vol.	6\$000
<b>Cartões de Amor</b> , jogo dialogado em versos entre damas e cavalleiros, para desenfado das noites de inverno —50 cartões verdes e 50 amarellós em um lindo estojo, preço.....	1\$000
<b>Cartas Fatidicas</b> ou respostas infalliveis a todos os problemas da vida humana. 100 cartões em um lindo estojo, preço.....	1\$000
<b>Jogo da Conversação</b> , bello entretenimento de disparates e acertos engraçados para passatempo das familias brasileiras; contendo 100 perguntas e 100 respostas em 2 lindos estojos.....	2\$000
<b>Roda do Destino (A)</b> , novo e completo livro de sortes, para entretenimento das familias brasileiras nas noites de fogueira, composto segundo as melhores indagações philosophicas, physiologisticas e astrologicas feitas no horoscopo da humanidade e debaixo das inspirações somnambulaticas, contendo 52 perguntas de novos e interessantissimos assumptos e 1248 respostas em versos, e acompanhado de um mecanismo expressamente inventado para se tirarem as sortes com toda a certeza e infallibilidade, 1 vol. in-12 preço.....	2\$000
<b>Dados da fortuna</b> , modernissimo livro de sortes para recreio da sociedade brasileira nas noites de Santo Antonio, S. João, S. Pedro e Santa Anna—contendo 48 perguntas e 1,056 respostas em quadras rimadas; edição apropriada tanto á còrte como ás provincias do imperio, 1 vol. in-12 preço.....	1\$200
<b>Azevedo</b> , (Alvares) Obras completas precedidas de um juizo critico pelo Sr. Dr. D. Jacy Monteiro, 3 vols. encad.....	9\$000
<b>Alvarenga Peixoto</b> , Obras poeticas, 1 vol.	3\$000
<b>Dumas</b> , Sophia Printemps, 2 vols. broch.....	2\$000
<b>Droz</b> , Arte de ser feliz, 1 vol.....	1\$000
<b>Doria</b> , Historia Universal, 1 vol. in-4.º.....	5\$000
<b>Duruy</b> , » » 1 vol.....	4\$000
<b>Ferreira</b> (Dr. Antonio) Obras completas, 2 vols	6\$000
<b>Fontenelle</b> , Pluralidade dos mundos, 1 vol..	1\$000